COLLECTION: PAIN OF SALVATION ⋈ ETERNAL IDOLS: JOHN SYKES ⋈ PROFILE: DAMNAGORAS (ELVENKING)

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

> SMITH / KOTZEN <

BLACK LIGHT / WHITE NOISE

O AGUARDADO SEGUNDO ÁLBUM DE ADRIAN SMITH E RICHIE KOTZEN, COM O SINGLE "WHITE NOISE".

DEZ FAIXAS QUE SÃO UMA VERDADEIRA AULA DE ROCK MODERNO, ATMOSFÉRICO, AMBICIOSO, DIVERSO E BRILHANTE. A DUPLA ALCANÇOU NOVOS PATAMARES, PRODUZINDO UMA COLEÇÃO REALMENTE MAGNÍFICA DE MÚSICAS QUE ESTÃO ENTRE AS MELHORES OBRAS DELAS ATÉ HOJE.

4 DE ABRIL DE 2025

LIMITED EDITION SPLATTER VINYL · CD · BLACK VINYL · DIGITAL

WWW.SMITHKOTZEN.COM

RATNO

NOVO ÁLBUM

MATANZA RITUAL

A VINGANÇA É MEU MOTOR

OUÇA AGORA EM VINIL E NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS DE MÚSICA

ÍNDICE

[illegible] GENERIC
[illegible] HENRY KING
[illegible] SPETN
[illegible] PLAYLIST
Sonata "Sonnenuggen" Mozart (Charming)
[illegible] SKOPALICHOM
[illegible] DMITRI HOPTSEN
[illegible] THE BLACK DAHLIA MURDER
[illegible] CLASSIC CROW
Saffronic, Ebay Enthusiasts, Remembrance and Regret
[illegible] HIDDEN TRACKS
Simon Brignolo
[illegible] MAPA MUNDI
[illegible] QUEENSRYCHE
[illegible] RECORDS
[illegible] FRONT COVER: MARCELO VASCON
Sacramento - Circle Of Mother
[illegible] BLIND GUN
Mental Illusion (Psycho)
[illegible] GOD IS AN ASTRONAUT
[illegible] COLLECTION
Pascal Schelbert
[illegible] SWALLOW THE SUN
[illegible] BACKGROUND
Schelbert (Porter 5)
[illegible] PENTAGRAM
[illegible] ETERNAL IDOLS
Jaime Rubio
[illegible] KILLSWITCH ENGAGE
[illegible] PROFILE
Kerrie (Mental)

BEHIND THE STAGE

[illegible]

[illegible]

[illegible]

A NOVA FORÇA DO METAL BRASILEIRO

INFERNO NUCLEAR

NOVO ÁLBUM "AMAZÔNIA EM CHAMAS" DIA 12 DE MAIO DE 2025

ACESSE O QR CODE E CONHEÇA OS SINGLES QUE PRECEDEM O ÁLBUM "AMAZÔNIA EM CHAMAS"

MIDGARD
RENASCIDO E RENOVADO

[illegible]

[illegible] Metal Hammer: [illegible] Midgard [illegible] Paula Lima: [illegible] Na gravação [illegible] Metal Hammer [illegible] Paula Lima: [illegible]

O que mudou [illegible] atualmente?

Paula Lima: [illegible] Metal Hammer [illegible] Paula Lima: [illegible] Metal Hammer [illegible] Paula Lima: [illegible]

Vocês [illegible] Metal Hammer: [illegible] Paula Lima: [illegible] Metal Hammer [illegible] Paula Lima: [illegible]

Vocês [illegible] Metal Hammer: [illegible] Paula Lima: [illegible] Metal Hammer [illegible] Paula Lima: [illegible]

**[

VÁLVERA

EVOLUINDO SEM PERDER A ESSÊNCIA

Vocês estão trabalhando em um quarto álbum? Como está a composição e o processo criativo? Há alguma ideia ou direção específica para o novo disco?

Gustavo Barbosa: Não é nenhuma novidade para quem acompanha a banda, mas o processo de composição é bem orgânico. Não temos um prazo ou uma data específica para lançar o disco. A ideia é sentar, tocar e ver o que sai. Não existe pressão externa, não existe cronograma. A gente compõe quando tem vontade, quando alguém chega com uma ideia que faz sentido para todo mundo, e vai lapidando ao longo do tempo. Não tem uma direção específica ainda, porque a gente ainda está no início do processo. Provavelmente a partir do ano que vem a gente vai começar a se dedicar mais a isso, mas por enquanto é tudo muito orgânico, muito no ritmo da banda.

Vocês sempre foram conhecidos por uma sonoridade bem específica, com uma fusão de thrash, hardcore e punk. Como vocês veem essa evolução do som ao longo dos anos? Vocês acham que ela se manteve fiel à essência da banda?

Gustavo: Sempre fomos muito honestos com a gente mesmo. Tocamos o que gostamos de tocar, sem pensar em rótulo ou em se encaixar em alguma coisa específica. Acho que a evolução do som foi natural, porque a gente sempre ouviu muita coisa diferente e isso acabou refletindo no som da banda. Não foi uma decisão de mudar de estilo, foi só o resultado de quem ouve muita coisa e quer fazer algo que faça sentido para a gente. Acho que a essência da banda está justamente nessa liberdade de não se prender a um único estilo.

Vocês já tocaram em diversos festivais e turnês ao longo da carreira. Como foi a experiência de tocar em outros estados e países? Há algum show que vocês consideram especial ou marcante?

Gustavo: Tocar em festival é sempre muito bom, porque a gente encontra muita gente que não conhecia a banda e que acaba se identificando com o som. Tocar em outros estados e países também foi muito especial, porque a gente viajou muito com o som da banda e conheceu muita gente nova. Não tem um show específico que eu possa dizer que foi o mais marcante, porque cada um tem o seu momento. Mas, no geral, a experiência de tocar em festival e de viajar com o som da banda foi muito boa.

Vocês sempre colaboraram com outras bandas e artistas. Há alguma colaboração em vista? Vocês têm planos de trabalhar com algum artista específico?

Gustavo: Colaborar é muito bom, porque a gente acaba trocando ideias e aprendendo com outras bandas. Não tem nada específico em vista ainda, mas a gente está sempre aberto a isso. Se aparecer alguma coisa legal, a gente vai fazer. Não tem nada específico ainda, mas a gente está sempre aberto a isso.

Vocês têm uma forte conexão com o público e a cena underground. Como vocês veem a importância do apoio dos fãs e da cena independente para o crescimento da banda?

Gustavo: Sem o público e sem a cena independente a gente não existe. A gente toca por causa do público e por causa da cena independente. Sem o público e sem a cena independente a gente não existe. A gente toca por causa do público e por causa da cena independente. Sem o público e sem a cena independente a gente não existe.

Vocês têm um EP chamado "Cyclone" lançado em 2016. Vocês estão trabalhando em algo novo? Como está o processo de composição?

Gustavo: Não tem nada específico ainda. Não tem data, não tem nada específico. A gente está sempre compondo, sempre tocando, sempre ensaiando. Não tem nada específico ainda, mas a gente está sempre compondo, sempre tocando, sempre ensaiando. Não tem nada específico ainda, mas a gente está sempre compondo, sempre tocando, sempre ensaiando.

Vocês têm uma forte ligação com a cena de Sorocaba. Como vocês veem a importância da cena local para o crescimento da banda? Há algum evento ou ação específica que vocês gostariam de realizar em Sorocaba?

Gustavo: Não tem nada específico ainda. Não tem data, não tem nada específico. Sorocaba é muito importante para a gente, porque a gente nasceu lá e a gente toca lá. Não tem nada específico ainda, mas a gente está sempre tocando em Sorocaba. Não tem nada específico ainda, mas a gente está sempre tocando em Sorocaba.

O álbum "Cyclone" está disponível em todas as plataformas? Vocês estão planejando lançar algo em vinil ou em outro formato físico?

Gustavo: Não tem nada específico ainda. Não tem data, não tem nada específico. A gente está sempre compondo, sempre tocando, sempre ensaiando. Não tem nada específico ainda, mas a gente está sempre compondo, sempre tocando, sempre ensaiando. Não tem nada específico ainda, mas a gente está sempre compondo, sempre tocando, sempre ensaiando.

Gustavo Barbosa

HALL OF GODS

EM MEIO AOS DEUSES DA MÚSICA

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Resposta: [illegible]

[illegible]

Resposta: [illegible]

[illegible]

Resposta: [

FRONTIERS
MAESTRICK
EXPRESSO DELLA VITA • LE NAVI
DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS
BANGERS
Music
Spotify
DEEZER
amazon music
YouTube Music
TIDAL

AURO CONTROL

RUMO AO TOPO

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

ALLOS

O PROGRESSO DOS PEREGRINOS

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Gaspar [illegible]

[illegible]

Gaspar [illegible]

[illegible]

Gaspar [

PERPETUAL LEGACY

TRANSFORMANDO O METAL CRISTÃO EM ESPETÁCULO

[illegible]

[illegible]

Eric Vieira: [illegible]

[illegible]

Eric Vieira: [illegible]

[illegible]

Eric Vieira: [illegible]

Hall of Gods

Featuring:

Zak Stevens
Chris Caffery
Ralf Scheepers
Snowy Shaw
Ronnie Romero
Marcello Pompeu
Mayara Puertas

Available in Black and Marble Colored Vinyl 180g
Gatefold - 12 pages booklet

Solar
Norris Imports
Abigail Records
YouTube Google Play Music Spotify deezer Music

AMAZING
HARD ROCK COM CATUABA

[illegible]

[illegible]

[illegible]

FUTEBOL & ROCK
VISTA ESSA PAIXÃO

Produtos Esportivos Licenciados das Maiores Bandas de Rock do Mundo

IRON MAIDEN · KISS · Motörhead · LINKIN PARK · Slipknot · SLAYER · OZZY OSBOURNE

W.A Sport

Loja Online
wasport.com.br
Entrego para todo BR

Loja Física
Galeria do Rock
Av. Sete Jedes, 439 - SP

CUPOM EXCLUSIVO
ROADIE10
válido no site e na loja física
até 30/06/25

@wasport.oficial @wasport.galeriadorock

HUNGRS
TRANSCENDENDO GERAÇÕES

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

LET THERE BE DOOM!

A caminho do Brasil com a sua banda, Kerry King diz o que os fãs podem esperar, conta como foi a criação de *From Hell I Rise* e fala sobre a sua ligação com o heavy metal

Por Daniel Dutra

Domingo, dia 2 de janeiro de 2020, ao vivo, no Los Angeles Sangeet Open Air Auditorium, na agenda "Eu e minha banda em Kerry King e sua banda - Mark Osegueda (vocal), Phil Demmel (guitarra), Kyle Sanders (baixo) e Paul Bostaph (bateria)" que se apresentam pela primeira vez no Brasil. O quarteto estava divulgando o álbum de estreia, o aclamado *From Hell I Rise* (2019), e Kerry conta para entrevistas e que os fãs podem esperar da apresentação. Mas não é só isso. O guitarrista falou sobre o processo de composição do disco, a formação do grupo, seu legado no heavy metal, a participação na despedida da formação original do Slayer, Tom Araya, Jeff Hanneman e Dave Lombardo, porque a banda não é o Slayer e muito mais. Confira!

Olá caro Kerry, de uma sexta-feira para você é um sonho, quando finalmente pude participar pela primeira vez. Agora, em vocês, é como a sua própria banda. Há algumas expectativas?

Kerry King: É a primeira vez, cara! Eu não quero que saiam pensando que eu sou a banda. Eu e Slayer, porque não é. Mas você sabe que há uma conexão aqui, eu e Paul Bostaph, e fazer isso com ele é definitivamente uma coisa da nova geração de colaborar de maneira. E os outros caras, Mark, Phil e Kyle, estão todos tão animados por fazer parte disso e estar a caminho do Brasil. Acredito que a primeira que gostaram dos shows que fizemos pela Ásia e que esperam agora, o que com quatro shows aparecer para ver a nossa nova banda. Eu que mais estou todos os dias [illegible] porque vou dormir lá amanhã [illegible]

E como é a sua expectativa no Brasil. Não é seu sexo. A primeira primeira jornada de [illegible] de shows no país. Quais são as melhores lembranças?

Kerry: A primeira vez é sempre a melhor. E todo cara, mesmo medíocre que diz [illegible] que pode [illegible] sobre [illegible] sabe [illegible] Eu [illegible] que [illegible] para [illegible] Brasil. Chegar para [illegible] como [illegible] o Brasil quase [illegible]. Eu adoro ir para a República do Sul, acho [illegible] e [illegible] a gente [illegible] Acho [illegible] no Brasil quando [illegible] e [illegible] Brasil. Tenho [illegible]

E como é a sua relação com o Brasil. Não é seu sexo. A primeira primeira jornada de [illegible] de shows no país. Quais são as melhores lembranças?

Kerry: [illegible] Eu [illegible] que [illegible] Eu [illegible] Brasil [illegible] Eu [illegible] Brasil [illegible] Eu [illegible] Brasil

[illegible]

E a reação que o vocês [illegible] que você não depende apenas do [illegible] do Slayer, porque Frank Bello é um dos [illegible] que pode mesmo [illegible] um pouco [illegible].

Kerry: [illegible] Frank [illegible] Slayer [illegible] Frank [illegible] Slayer [illegible] Frank [illegible] Slayer

[illegible] demos demasiado tempo. Nunca pensei para ser algo mais simplesmente para o álbum", e sentido que o álbum fez muito. Eu sinto, definitivamente, bom. Consegui [illegible] trabalhar [illegible] e tive [illegible] bom quando pudemos tocá-lo ao vivo.

E, ao mesmo tempo, não mexeram? Você sabia, vai [illegible] o segundo álbum do [illegible]?

Kerry: Ah, [illegible] Eu ainda tenho [illegible] que [illegible] Pink Floyd [illegible] que [illegible] e Gilmour [illegible] que [illegible] para [illegible] nos bastidores. Quando estamos [illegible] que [illegible] [illegible] [illegible]

Ainda assim, na minha minha pergunta inicial: o que é o rock? Qual é a sua resposta?

Kerry: Sim, eu acredito que você tem de começar fazendo o que gosta, como eu e Jeff. Quando eu fiz meu primeiro disco, eu tinha dois objetivos: queria ser indagado, ser o cara do jornal que tem a coisa mais rápida do que qualquer outra banda. Claro, o Metallica estava no mesmo caminho, o Megadeth veio logo em seguida, e então eu, Slayer e Testament nos tornamos a vez. Nós nos tornamos, sim, o grande barulho e que isso nos rotulou, sabe? Estamos dizendo algo como, e acredito que participo de uma opção que você realmente sente. E não fazer música para outras pessoas, não fazer música para ser popular, porque fazer a música que você gosta de verdade significa que não está tendo de renunciar. Não é preciso ser medíocre, e hoje eu posso simplesmente fazer um disco e sair por aí gritando, sabe? Não é necessário ser um cantor e sair por aí cantando.

E, ao mesmo tempo, você também um dos criadores mais influentes da cena thrash. Recentemente, foi preciso um novo energético que deixou seus targets e fãs bem pela vida...

Kerry: Ah, cara, sabe o que eu penso? Eu acho que todos gostam do gênero, gostam bastante, quero gostar de *Brain Dead* [Slayer, a caminho por aqui]. Porque é demais. Eu obviamente não tenho acabado com a cena, quando o Slayer decidiu parar e é mais difícil para mim. Eu vi muitas coisas: ainda tem o Judas Priest e Iron Maiden, que estão aqui há muito tempo. Eu quero, sabe aí, tipo, o Testament e a música thrash bem viva e não só tirada de trás. Eu obviamente não tenho terminado a minha luta política, que está tomando muito tempo e muita paixão para fazer o álbum. E não tenho muito tempo para fazer isso. Mas é muito importante para mim. Eu sei que isso é algo que ainda tem muito trabalho para fazer. Você sabe que ainda há muito pela frente para mim, e é com que eu quero fazer no que eu tenho tempo suficiente. Não escute outro trabalho que eu queira ter.

E o Slayer que você conhece, quando ouvimos dizer aqueles discos e vocês até agora? Como vocês veem o que você mudou e mudou...

Kerry: Em nossa da música hardcore com o Slayer. Você sabe que tocamos em duas turnês aqui e gostaria, eu não me sentiria a mesma posição confortável no mundo todo. Se estivéssemos agora para a América do Sul com a música hardcore, e por causa da música hardcore. Ao pensar grande, de trabalhar consigo porque consegue fazer profissional. Chego com a mesma coisa, e hoje eu posso simplesmente fazer um disco e sair por aí gritando, sabe? Não é necessário ser um cantor e sair por aí cantando. Não é preciso ser medíocre, e hoje eu posso simplesmente fazer um disco e sair por aí gritando, sabe? Não é necessário ser um cantor e sair por aí cantando.

E, ao mesmo tempo, você também um dos criadores mais influentes da cena thrash. Recentemente, foi preciso um novo energético que deixou seus targets e fãs bem pela vida...

Kerry: Ah, cara, sabe o que eu penso? Eu acho que todos gostam do gênero, gostam bastante, quero gostar de *Brain Dead* [Slayer, a caminho por aqui]. Porque é demais. Eu obviamente não tenho acabado com a cena, quando o Slayer decidiu parar e é mais difícil para mim. Eu vi muitas coisas: ainda tem o Judas Priest e Iron Maiden, que estão aqui há muito tempo. Eu quero, sabe aí, tipo, o Testament e a música thrash bem viva e não só tirada de trás. Eu obviamente não tenho terminado a minha luta política, que está tomando muito tempo e muita paixão para fazer o álbum. E não tenho muito tempo para fazer isso. Mas é muito importante para mim. Eu sei que isso é algo que ainda tem muito trabalho para fazer. Você sabe que ainda há muito pela frente para mim, e é com que eu quero fazer no que eu tenho tempo suficiente. Não escute outro trabalho que eu queira ter.

Como Kerry disse, não dá pra ser o que ele tem que a sua resposta implica em Violence in Music [a saber]...

Kerry: Sabe, cara, eu tenho dois novos discos do quinteto gravados. Em qualquer momento, eu não consegue entender por que as pessoas tentam gostar daquela música, por que eles tentam dignificá-lo. Não é aquela coisa de sumo total, então não pode ser que pela primeira vez na minha carreira, minha motivação para um disco do Slayer foi predominantemente comercial. Eu não consegue entender por que aquele gênero de música tem tão popular e por que depois. Mas, quero, tenho pessoas que gravaram para mim, tipo, tocou, direção

Pode ser, cara, mas é muito, e acho que a sua resposta implica em Violence in Music [a saber]...

Kerry: Sabe, cara, eu tenho dois novos discos do quinteto gravados. Em qualquer momento, eu não consegue entender por que as pessoas tentam gostar daquela música, por que eles tentam dignificá-lo. Não é aquela coisa de sumo total, então não pode ser que pela primeira vez na minha carreira, minha motivação para um disco do Slayer foi predominantemente comercial. Eu não consegue entender por que aquele gênero de música tem tão popular e por que depois. Mas, quero, tenho pessoas que gravaram para mim, tipo, tocou, direção

E, ao mesmo tempo, você também um dos criadores mais influentes da cena thrash. Recentemente, foi preciso um novo energético que deixou seus targets e fãs bem pela vida...

Kerry: Ah, cara, sabe o que eu penso? Eu acho que todos gostam do gênero, gostam bastante, quero gostar de *Brain Dead* [Slayer, a caminho por aqui]. Porque é demais. Eu obviamente não tenho acabado com a cena, quando o Slayer decidiu parar e é mais difícil para mim. Eu vi muitas coisas: ainda tem o Judas Priest e Iron Maiden, que estão aqui há muito tempo. Eu quero, sabe aí, tipo, o Testament e a música thrash bem viva e não só tirada de trás. Eu obviamente não tenho terminado a minha luta política, que está tomando muito tempo e muita paixão para fazer o álbum. E não tenho muito tempo para fazer isso. Mas é muito importante para mim. Eu sei que isso é algo que ainda tem muito trabalho para fazer. Você sabe que ainda há muito pela frente para mim, e é com que eu quero fazer no que eu tenho tempo suficiente. Não escute outro trabalho que eu queira ter.

Como Kerry disse, não dá pra ser o que ele tem que a sua resposta implica em Violence in Music [a saber]...

Kerry: Sabe, cara, eu tenho dois novos discos do quinteto gravados. Em qualquer momento, eu não consegue entender por que as pessoas tentam gostar daquela música, por que eles tentam dignificá-lo. Não é aquela coisa de sumo total, então não pode ser que pela primeira vez na minha carreira, minha motivação para um disco do Slayer foi predominantemente comercial. Eu não consegue entender por que aquele gênero de música tem tão popular e por que depois. Mas, quero, tenho pessoas que gravaram para mim, tipo, tocou, direção

"QUALQUER UM NO HEAVY METAL EM TODO O MUNDO FOI INFLUENCIADO PELO BLACK SABBATH. SE ALGUEM DISSER QUE NÃO, É PORQUE ESTÁ MENTINDO!"

Não é sobre a tentação [illegible] mas [illegible] Slayer. Mas há algo que me parece [illegible] Slayer [illegible] a carreira, porque a banda [illegible] anos [illegible] vocês [illegible] Como vocês se sentem a respeito?

Kerry: [illegible] Slayer [illegible] Black Sabbath [illegible] Slayer [illegible] Black Sabbath [illegible] Slayer [illegible] Black Sabbath

LANÇAMENTO

COLEÇÃO ESPORTIVA OFICIAL DO SLAYER

WA Sport | SLAYER

OFFICIAL UNDER TRIBUTE

Loja Online
wasport.com.br
Entrega para todo BR

Loja Física
Galeria do Rock
Av. São João, 439 - SP

CUPOM EXCLUSIVO
ROADIE10

Válido no site e na loja física
até 31/08/24*

@wasport.official @wasport.galeriadorock

DESEJOS e TESTEMUNHOS

A caminho do Brasil, Mikael Åkerfeldt fala sobre a relação com o Brasil, que remonta ao início da banda, passou pela metal mineiro e chegou a Rita Lee e Gilberto Gil

Por Daniel Freire

Dizem outro, não outro. Dizem para restaurar antes o direito colonial e humorista pagos por vídeos com Mikael Åkerfeldt, o gratuíto e irrevogável, principal compositor e líder do Opeth. Mais a parte não fica somente o brilhante com álbuns da banda nova, *The Last Will and Testament* (2016) porque Åkerfeldt, Fredrik Åkesson (guitarra), Martin Mendez (baixo), Joakim Svalberg (teclados) e Matthias Fälgmyr (bateria) estão chegando ao Brasil para dois shows seu abril, antes no São Paulo no Metalmorfo of Rock (28 e no Espaço Unicover (29), ao lado do Sanatagio. E depois de seis tentativas de esmerna bada problemas, mês seu quarto nacional pela cast do festival e artistas brasileiros que fazem parte da vida do vocalista do Opeth. Agora, é só curtir.

CR: Mikael, Como vocês está?
Mikael Åkerfeldt: Olá, Daniel. Tudo bem, e aí? Cara, não consigo falar no idioma deste abordagem de CDs antes de você (risos).

Entre os seus hobbies musical, sua coleção de vinil é uma coisa de LPs impressionante...

Mikael: Sim, tenho bastante álbuns e, também, são muito de CDs. Acho não no início para tocar tanto quanto antes mesmo vinil. Bem cara, quando eu tenho como meu CDs. Sim, meu, são juntos do tempo (risos). Agora, tenho de meu mesmo ou meu CDs e, claro, acrescentei muita coleção (risos).

CR: Você já pensou em que levaria sua aparelhagem de som, por que essa é a razão deste não ter como vinil e ainda ou só tem mesmo do que deveria. Mas toca a dizer que é bem mesmo bem a... (risos)

Mikael: (rindo) Mas bem, essa coisa de não que CDs e vinil e bem de CD não mesmo mesmo. Eu tenho muitos álbuns apenas em CD, mesmo e muita coleção do Radiohead... Quer dizer, comprei recente mente algumas em vinil, mas, no geral, tenho muito mesmo quanto a não não mesmo do porque não sinto diferenças em LP.

Verdade. E vamos falar sobre os shows no Brasil, porque apesar de o país ser uma constante para o Opeth desde jovem, desta vez vocês vão se apresentar com bandas e também fazer um show extra com outra banda de rock. Há alguma espécie de diferença?

Mikael: Não não, é também ao de Thelonious Monk com bandas brasileiras, que é bem legal. Mas, também, não tem muito lugar grande. Quer dizer, infelizmente, algumas de nossas músicas não promovem muito fácil ao pessoal para chamar atenção e dizer "o que diabo é isto?" porque eles não vão entender o que diabo é aquele mesmo mesmo mesmo mesmo sobre igreja pelo ar. Não é isso que mesmo é a coisa que mesmo de namorar, mesmo coisa. Mesmo não é muito bom para não. Esperamos ainda que pessoas que não conhecem muito ao mesmo sabem e que mesmo mesmo Opeth adore, adore, e dizem, dançar para a coisa original bem diferente no Brasil. Então, não, não, não, sabemos que um, e estamos não mesmo ou de fazemos as duas bandas, ainda assim poderemos pegar uma carona e assistir a Judas Priest e Scorpions. De qualquer maneira, mas me matar (risos).

Se pudesse Judas Priest ou as duas outras bandas que você quer ver?

Mikael: Não, não! Quero ver todas, mesmo o Stratovarius! Sanatagio, Europe, Queensrÿche, Judas Priest, Scorpions... Todas elas. Não sou o maior fã de Stratovarius no mundo, não sou mesmo sobre isso, mas também algumas CDs e mas que é coisa. Mesmo banda. Eu

não é a minha praia, porque não curto gênero metal, eu seja lá como chamem o estilo que eles fazem.

Power metal, metal melódico...

Mikael: Exato! Mas eu não tô muito sabendo grande coisa. Conheço o Jesus (Ribeiro Lima) através daquele maravilhoso vídeo. E tem o Queensrÿche, que eu amo... Ah, quem sabe? Eu amo Stratovarius também. Não vou mentir, tô fã. Vou assistir a todas as bandas do festival. E é porque não estou tão familiarizado com o Stratovarius quanto estou com Queensrÿche, Europe, Europe e Judas. Eu e o Zamalugo, que é meu quarto, curtimos muito a banda para bater, porque é maravilha. Tenho apenas dois álbuns deles. Como se chama mesmo? *Hall of the Mountain King*?

Sim, *Hall of the Mountain King* é um deles.

Mikael: Por mais que eu goste daqueles dois, mas não é o que me impressiona. Minha maior escuta é uma grande fã do Zamalugo, e ela tem muitos discos da banda que eu nunca tinha ouvido antes. Fiquei surpreso e pensando "como nunca ninguém me mostrou isso antes?", então vou fazer isso. Gosto muito da capa e acho algumas músicas do Stratovarius muito dentro do Zamalugo, porque assim posso mostrar para a minha filha. Gostaríamos de trabalhar na Europa, e a ligação da capa sobre Judas Priest e Europe me faz lembrar muitos momentos antes. Então, eu vou estar ao lado do palco acompanhando com o Kiwi (Manoel) (risos).

Você mencionou que conheceu pessoalmente o Zamalugo, em Gladsaxe do Opeth, será muito menos cansativo. Uma apresentação muito aguardada pelos fãs brasileiros, até porque, na verdade, será a primeira completa vinda da banda em mais de 20 anos. Além disso, creio que vocês preferiam fazer um set maior, não?

Mikael: Sim, acredito que tocaremos por mais tempo. Não me entendam errado, não falamos bandas com a boca e coisas de clube, eu sigo sendo porque normalmente tocamos por duas horas e dez minutos. Dentro de um pouco de tempo, não ficarei assustado como enfrentamento como aquela sensação não completa. É o mais importante, claro, é simplesmente não ficar que gostaria de não, não dimensionar coisas aqui, então que eu não saia de encontrado em ver o Zamalugo. Quais são os contratados na banda?

Zak Stevens.

Mikael: Quem, é isso?

Zak substituiu Jon Oliva de vocal e banda banda o Savatage? Quanto ao seu segredo. Ele gravou quatro discos antes de sair, em 2000, depois montou uma banda chamada Circle II Circle com Jeff e vocalista do Archon Angelus do Trans Siberian Orchestra.

Mikael: Ok, porque eu amo a voz do Jon Oliva. É como se eu tivesse a sensação de que não sei, entende o que quero dizer? Zak não tem a mesma voz, a voz que eu não consigo. O Zak também consegue fazer o que o Jon faz?

Até um vocalista diferente do Jon, o que faz sua voz diferente à época. Ele sempre agradou trabalhos, mas não na mesma proporção. O Zak é um vocalista incrível, ou tem a ver com feeling.

Mikael: Cara, também entre mais sentimentos que por outra coisa. É uma combinação um pouco estranha, mas sobre combinações estranhas quando se trata de álbuns. A melhor que o pessoal do Zamalugo escuta tem charmosa. Fiquei "Worlds

THE LAST WILL AND TESTAMENT
Reign Phoenix Music/Nuclear Blast - Rec.

enfrentamos, sabe? Mas não sei, mesmo? (risos). Tem não sei, mas é o primeiro momento e a primeira experiência, então parece uma coisa muito louca. Eu me sinto disso também e a mesma coisa. Acredito que vai ser super legal.

Hansi Kursch, do Savatage, pensou que gravar um disco também, claro, no lado do Opeth. Isso porque vocês já tocaram no Brasil, que, depois da primeira vez, na turnê do Moonsorrow, vocês pensaram em gravar a banda no quinto ao sétimo disco. Isso é um sonho?

Mikael: Claro! Gravar o álbum ao vivo para poder mostrar o que vocês produzem poderia ser bem legal para a América do Sul, mas desde então sempre mesmo no Brasil. Por mais que eu não tenha certa noção de tudo, mas quando quero o país por acaso, dizem e dizem ai pela primeira vez, mesmo que precisamos voltar. Em parte do nosso país, eu não sei, mas nem sabemos, como agora, a ideia dos que estamos no Brasil. É um fato, e eu longe dos que mesmo que bem algo acontecendo. Convenção demais, claro. Lembro que de um dos primeiros shows em São Paulo, porque tocamos mais local mais, onde tinha um manuseamento em cima de palco e aquele pequenininho bem na mesa de frente do quarto como uma tortura (risos). Era muito, muito, muito, muito, porque frente ao público, sabe? Desde então, essa ligação foi crescendo, e ao pensar, pensando apenas e qualquer coisa não é mesmo do Brasil, eu retorna porque tenho de dizer que eu sinto em todo o mundo. Ao pensar lá, eu sinto alguém mais bacana do que Fátima que é a cantora do coração. É bacana muito quando quantos estar a banda toda, tipo saída é entrada e mazar uma dor. Não é toda para tocar todo país que adoramos que nos abraçou. É saída também uma turnê brasileira, porque nunca pensamos tocar na América do Sul (R.S. Andrés Nordin). Em fim, adorado na Suíça e nos países trabalhamos na companhia Mantícora. Economia em São Paulo. Já trabalhamos com tipo de ligação com o Brasil, sobre a qual sempre Gustavo queríamos declarar. Então, claro, tem a coisa brasileira de beauty metal com a qual todos são economicos, porque mantemos bandas como Holocausto, Sarcófago e, claro, Sepultura.

Sim, sobre aquela coisa do Gustavo. Ele está sem uma coisa...

Mikael: É, eu conversei com Lilly Sarcófago pela Gustavo. Ainda tenho alguns álbuns deles quentíssimos, digamos assim, como o do Holocausto (risos). Gosto de coisas boas para tocar, porque quero coisas a primeira vez que eu tome. Vou lá tocar uma coisa, eu sabia que era uma grande coisa, aquela de Minas Gerais, e era novo que o cara do portal para mim, o que eu fiz foi tocar sobre a Bela Horizonte. Todas as bandas brasileiras que eu adorava, mesmo de lá, sentia eu via o lugar como sendo algo muito. Não sabia como se pronunciar, mesmo que tocasse no Brasil, porque é como se fosse uma coisa a dialogar com a cidade até os corações dos fãs. É como quando o Iron Maiden vem tocar na Suíça e o Bruce Dickinson, como a Faber, eu, como um o público, porque eu fiz tipo "Ok, até Aquaria é legal" (risos). Isso não é um Maiden tocando que só artistas saiam, não sentido, e também que isso significa muito para as pessoas. Significa muito para mim, dizer a ela: que muito essa ligação e talvez seja construída para

Mikael Akerfeldt, Fredrik Akesson, Martin Méndez, Martin Lopez e Joakim Svalberg (esquerda para direita) [illegible]

"MUITAS PESSOAS querem atribuir isso (vocais guturais) a um retorno às RAÍZES, dizendo que estamos DE VOLTA, mas como assim? NUNCA fomos embora! É somente algo que fizemos para o novo álbum porque FAZIA SENTIDO"

A fã-clube do Opeth no Brasil [illegible] popularmente no Brasil.

Estamos falando sobre o mercado brasileiro, mas sei que você também [illegible] d'Os Malcantos. Na verdade, você [illegible] [illegible] da minha pergunta por [illegible] Sao Paulo para comprar em Lisboa [illegible]...

Mikael: Sim, sim! É agora vou lhe contar que na última vez em que estive em São Paulo, comprei discos do Gilberto Gil e da Rita Lee! Sim, porque eu comprei todos os discos d'Os Malcantos em vinil (risos). Aliás, eu lo entrei na Drogaria em casa, e minha esposa disse "Que tipo lo que você está ouvindo?", eu respondi: "É aquela banda brasileira" (risos). A música da Drogaria [illegible] possibilitou entrada pela voz cantada da Rita Lee e funcionou para mim, e ela diz que é a música mais estranha que já ouviu, mas é por isso mesmo que a música é maior (risos). Eu tenho um fã-clube especial por bandas que agregam uma especificidade do progressivo, e como está ouvindo provavelmente d'Os Malcantos. Você não acredita e isso que eles fazem em [illegible] outro lugar do mundo.

Eu queria que [illegible] sempre para falar sobre *The Last Will and Testament*. Inicialmente, [illegible] sua abordagem diferente sobre a utilização dos vocais guturais. Bastante recente o álbum [illegible] atenção para a [illegible] que não acontecera de nada, e não porque fazia sentido. Eles se [illegible] novamente: porque você interpreta personagens diferentes...

Mikael: É, com! A ópera me deu a oportunidade de trabalhar e gutural [illegible], apesar de estar [illegible] a usar ao longo dos anos. Não é como se eu tivesse parado completamente de fazer, porque nesse mesmo álbum [illegible] que não [illegible] lugar para [illegible] álbuns. Não havia espaço para o gutural, não havia necessidade de usar esse tipo de vocal até eu criar o conceito de *The Last Will and Testament*. A ideia que eu que trazer antes, mergulhar a história para uma forma nova, [illegible], digamos assim, para que eu pudesse [illegible] esse tipo de vocal mais extremo. Eu estava um pouco nervoso, sabe? Fiquei me perguntando: "Vai funcionar? Vai [illegible]?" e funcionou, porque [illegible] contrário não estaria lá. Muitas pessoas querem atribuir isso a um retorno às raízes, dizendo que estamos de volta, mas como assim? Nunca fomos embora! (risos). É somente algo que fizemos para o novo álbum porque fazia sentido, e não está gravado em sandálias pedra o que fizemos no primeiro disco ou no terceiro. Fizemos isso só, porque não se sabe o que pode acontecer. Eu ouço [illegible] e o resultado mas não é uma [illegible] a banda. Quando nos [illegible] *The Last Will and Testament*, nós gostamos [illegible] fato de [illegible] (risos). Talvez [illegible] para fazer o próximo (risos).

Para terminar, Mikael, O Opeth completa 30 anos em 2020, e espero que [illegible] de não saber se [illegible] [illegible] o rumo da [illegible] (risos). De qualquer maneira, como vocês [illegible] a jornada até agora? O que mais há para ser alcançado?

Mikael: Eu não sei o que de elogios e [illegible] de tudo, porque não significam muito para mim. Não tenho [illegible] em particular, também. Quando se trata de música e a carreira do Opeth, eu sinto e prometo, então não é muito difícil para o futuro e ter um gosto de [illegible] ou algo assim. Mas [illegible], sim, para onde meu coração e minha cabeça me levam para ir. Isso pode dizer que [illegible] [illegible] dos últimos dois anos da banda. Houve algum [illegible] ao longo da trajetória, [illegible] da banda, [illegible] os fãs [illegible]. Isso deve que o "Multiplos dragões, sinto e medo esperança de que um [illegible] para [illegible], sabe? Não [illegible] até que digamos "Ok, [illegible]. Vamos [illegible] da [illegible]". Mas [illegible] não [illegible] [illegible], e agora eu gostaria que [illegible] [illegible] a banda, [illegible] [illegible] a melhor situação de vida. Quero que [illegible] [illegible] por [illegible] tempo, porque [illegible] eu [illegible] [illegible]. Por um certo que [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible]

helmet

betty 30th anniversary tour

SOUTH AMERICAN TOUR 2025

30/04 SÃO PAULO (VÉSPERA DE FERIADO)
@ Carioca Club

debrix

fastix

PLAYLIST

Pino Cimmino Aggiato – Heroic Strategy Jam

▶ **Pagan Poetry:** [illegible]

Album Ensemble – [illegible]

▶ **The Wicker Man Soundtrack:** [illegible]

Album Layne Staal – **The Wicker Man** (2006)

▶ **The Shining:** [illegible]

Album Ensemble – **The Shining** (1980)

▶ **The Blackened Heart:** [illegible]

Album Ensemble – **The Heart** (2007)

▶ **Pagan Necrolust:** [illegible]

Album Ensemble – **The Pagan Spirit Pure** (2010)

DAVIDE "DAMNAGORAS" MORAS (ELVENKING)

▶ **HOME COMPUTER:** Davide Moras

▶ **NASCIMENTO:** 18 de agosto de 1980, Pordenone, Itália

▶ **BANDAS QUE INFLUENCIAM:** Elvenking, Legendbreak, Hell in the Club

ROADIE CREW ONLINE FESTIVAL

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena de heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

Acesse nosso canal de YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

YouTube.com/RoadieCrewMagTV

O PIOR DA HUMANIDADE!

Alemães consolidam a formação como quarteto e avançam firmes para a conquista do trono do thrash germânico

Por Valmir Amâr

Algumas coisas são fundamentais e altíssimo índice para uma banda de thrash metal, a saber: energia, confiança e a capacidade de dominar riffs ao mesmo tempo extremamente pesados, agressivos, confiantes e calcinantes. Do jeito que parecem ser, de fato, o Sodom e o Destruction, energia e coragem sobra bastante. Ou: fica como importante ou a mais, energia, obviamente, é a qualidade fundamental. Muito embora em geral não seja por esse aspecto que a música do Destruction seja lembrada, Schmier sempre fidelizou atenção em menos que a integralidade de sua música, e que provocou e nacional por aqueles anos e o lançamento. Chegou demais, demais certo pensamento que não teve da concepção de atual estado de coisas do que fez uma atitude de coisa mesmo pela vida dos outros, ao bem do mundo, energia em manter seu estilo específico, que conduza à perfeição uma sonoria peculiar que nos leva pelo gênero. O novo álbum *Of Malice* traz uma mensagem a verdade de forma palavras. Schmier e o Destruction, então longe de acomodar o porte de "grande guerreiro" internacional, com banner e escudo de "blasts da verdade" nas alças, e fogo e lamentação quase nunca entre vocês nunca. *Of Malice*, *Scrapping Mankind*, *Pain* e outros pelo do novo álbum. Tres dramas, e nos calcanhares consolidado de mais coisa: seu quarteto após a saída de Mike Sifringer, não entregando que dos álbuns nasce Farmer de nova carreira, em todos os sentidos. Schmier nos Falou nisso sobre isso.

Depois de cantar uma e quatro décadas consecutivas, sinta a energia e vontade ainda em um novo álbum de um novo álbum?

Schmier: Cara, realmente, energia e quanto! Era de se imaginar que depois de tanto experiência em transformar nosso energia em coisa real e verdade e que ainda tem bastante energia e ainda o gosto pelo lançamento de novos álbuns. Bacana, mas, sem que deixou isso bem claro, mesmo que seja um pouco arrogante, isso é o que nos torna álbuns mais bacanas no ano de seguir, mais lançado, quando mais o brilho sem dúvida do Destruction em nome nossa sonoria desenvolvida, claro que tudo mais e pelas e a coisa e a pessoal nos fizeram tudo de novo novo.

É [illegible] também, você tem ideia de quanto tempo trabalhou com esse novo álbum *Of Malice*?

Schmier: Consome a sonoria nos jogos no seu gravado, sinta que mitos de trabalho e desde então fizeram de um lado para o outro, atravessando entretenimento, de

[illegible]

Pelo [illegible] vocês [illegible].

Schmier: [illegible] Lembro que, quando gravamos Infernal Destruction, [illegible] mais fácil de [illegible] tempo para gravar. Não demorou mais tempo do que o normal. Mas demorou mais tempo do que o normal para o disco ficar pronto, [illegible] para poder finalmente colocá-lo no mercado, como é de costume nos tempos [illegible] que vamos [illegible] (risos).

É uma parte [illegible] da banda.

Schmier: [illegible] Lembro que, quando gravamos Infernal Destruction, [illegible] mais fácil de [illegible] tempo para gravar. Não demorou mais tempo do que o normal. Mas demorou mais tempo do que o normal para o disco ficar pronto, [illegible] para poder finalmente colocá-lo no mercado, como é de costume nos tempos [illegible] que vamos [illegible] (risos).

[illegible] Alemanha e Brasil.

Schmier: [illegible] Lembro que, quando gravamos Infernal Destruction, [illegible] mais fácil de [illegible] tempo para gravar. Não demorou mais tempo do que o normal. Mas demorou mais tempo do que o normal para o disco ficar pronto, [illegible] para poder finalmente colocá-lo no mercado, como é de costume nos tempos [illegible] que vamos [illegible] (risos).

[illegible] Destruction, e sabe que [illegible] Destruction.

Schmier: [illegible] Lembro que, quando gravamos Infernal Destruction, [illegible] mais fácil de [illegible] tempo para gravar. Não demorou mais tempo do que o normal. Mas demorou mais tempo do que o normal para o disco ficar pronto, [illegible] para poder finalmente colocá-lo no mercado, como é de costume nos tempos [illegible] que vamos [illegible] (risos).

Falando nisso: [illegible] Destruction.

Schmier: [illegible] Lembro que, quando gravamos Infernal Destruction, [illegible] mais fácil de [illegible] tempo para gravar. Não demorou mais tempo do que o normal. Mas demorou mais tempo do que o normal para o disco ficar pronto, [illegible] para poder finalmente colocá-lo no mercado, como é de costume nos tempos [illegible] que vamos [illegible] (risos).

CIRCLE OF MALICE
Regular - Imp.

Pode ser [illegible] o que [illegible] a perder?

Schmier: [illegible] Lembro que, quando gravamos Infernal Destruction, [illegible] mais fácil de [illegible] tempo para gravar. Não demorou mais tempo do que o normal. Mas demorou mais tempo do que o normal para o disco ficar pronto, [illegible] para poder finalmente colocá-lo no mercado, como é de costume nos tempos [illegible] que vamos [illegible] (risos).

Ao longo [illegible].

Schmier: [illegible] Lembro que, quando gravamos Infernal Destruction, [illegible] mais fácil de [illegible] tempo para gravar. Não demorou mais tempo do que o normal. Mas demorou mais tempo do que o normal para o disco ficar pronto, [illegible] para poder finalmente colocá-lo no mercado, como é de costume nos tempos [illegible] que vamos [illegible] (risos).

É uma [illegible].

Schmier: [illegible] Lembro que, quando gravamos Infernal Destruction, [illegible] mais fácil de [illegible] tempo para gravar. Não demorou mais tempo do que o normal. Mas demorou mais tempo do que o normal para o disco ficar pronto, [illegible] para poder finalmente colocá-lo no mercado, como é de costume nos tempos [illegible] que vamos [illegible] (risos).

[illegible] Brasil?

Schmier: [illegible] Lembro que, quando gravamos Infernal Destruction, [illegible] mais fácil de [illegible] tempo para gravar. Não demorou mais tempo do que o normal. Mas demorou mais tempo do que o normal para o disco ficar pronto, [illegible] para poder finalmente colocá-lo no mercado, como é de costume nos tempos [illegible] que vamos [illegible] (risos).

[illegible] Brasil.

Schmier: [illegible] Lembro que, quando gravamos Infernal Destruction, [illegible] mais fácil de [illegible] tempo para gravar. Não demorou mais tempo do que o normal. Mas demorou mais tempo do que o normal para o disco ficar pronto, [illegible] para poder finalmente colocá-lo no mercado, como é de costume nos tempos [illegible] que vamos [illegible] (risos).

[illegible] Brasil, [illegible] Alemanha e Portugal.

Schmier: [illegible] Lembro que, quando gravamos Infernal Destruction, [illegible] mais fácil de [illegible] tempo para gravar. Não demorou mais tempo do que o normal. Mas demorou mais tempo do que o normal para o disco ficar pronto, [illegible] para poder finalmente colocá-lo no mercado, como é de costume nos tempos [illegible] que vamos [illegible] (risos).

**[illegible] Brasil

Quando você tem 17 anos e não tá nem aí pra porra nenhuma, você nem pensa, você vai lá e faz uma música com o nome da sua banda

do metal, gente boa, e nossa relação é muito gostosa. Bacana que a gente tem feito aqui [illegible] gente [illegible] Acreditamos muito em vocês. Sou [illegible] Acreditamos [illegible] Acreditamos [illegible] Acreditamos

BRASIL VISCERAL

DROWNED

NOVO ÁLBUM!

NAS LOJAS: 1º DE ABRIL DE 2025

STREAMING: 16 DE MAIO DE 2025

DROWNED.LOJA2.COM.BR

DROWNEDMETAL

DROWNED_BAND

DEEZER · Spotify · MUSIC · GREYHAZE · COGUMELO RECORDS

www.cogumelo.com

> SMITH / KOTZEN <

VOZES E GUITARRAS

Adrian Smith fala sobre suas influências como vocalista e como o novo trabalho com Richie Kotzen vai muito além de dois guitarristas consagrados

Por Daniel Dutra

Black Lights/White Noise chegou de surpresa, bem no meio da ansiedade pelo lançamento do novo disco do Iron Maiden, porque dois dos melhores guitarristas do mundo decidiram lançar seu novo trabalho. E por mais ingredientes do que de um álbum — bagagem da entrada dos Smith, Kotzen (solo), do *CD Better Days* (2020) e do mesmo selo, bem antes de ser um novo *Better Days*, *Great Mistake* (2022) — Adrian Smith e Richie Kotzen deixaram de parte a banda na parceria, dando ênfase a composições contemporâneas ao clássico calificativo que contribuíram para mais. Essa foi bem pego com a BOAUDE CREW. Smith adiou mais um pouco o que seria o álbum que tem cara de trabalho — a crooner e filhos da pelo Brasileiro — Pablo Lugo (baixo), Thomas e Bruno Valmer (bateria, Angra e Whitesnake) e Vitorino Gaido (teclados) — é também, sobre obra de maior.

Como você e como estes quarteto se não depois dos incríveis em Los Angeles?

Adrian Smith: Ah, estamos bem. Satisfatoriamente, por demos a turnê nova, e a turnê mesmo também. Eu, como sou de cuidar sempre, absolutamente também, tomei estamos todos bem, cheio e calmo. Já nos tornamos e para isso como fogo. A quarto

dizer que saímos dela antes do início da *Gli Sentimenti* agiram rapidamente. Fazendo a primeira de muitas.

Que é dizer: Vamos falar sobre *Black Lights/White Noise*, antes, porque ele nos como uma evolução do parceria com **Richie Kotzen. Para começar, como foi processo de trabalho dueto vocal?**

Adrian: Eu gostaríamos de [illegible] do primeiro disco. Eu tocava bem [illegible] que Edwin Dodds, então quando [illegible] sempre estão [illegible] em turnê, não dá [illegible] Então, eles que tudo começou no início de 2019, porque, como [illegible], eu [illegible] Eu a nova data, ai [illegible] guitarra e [illegible] para o vocal. "Você tem alguma ideia?" [illegible] *Middle Water* para [illegible] e [illegible] a abertura do novo álbum. Eu fiquei impressionado, já que a [illegible] e [illegible] que [illegible] bem. Rapidamente [illegible] *Middle Water* e [illegible] eu apresentei a ele a música que se tornou, *White Noise*, ou seja, eu tinha uma ideia que [illegible] para o Richie. Trabalhamos nela e [illegible] muito [illegible] duas canções [illegible]

Sem Eu, Maiden, porque [illegible] dizer: "Vamos em frente, vamos fazer um novo álbum". E foi um [illegible]

E perguntei sobre o processo porque a minha impressão inicial foi que o novo disco é muito parecido do que o [illegible], mas não é mais sentido [illegible], e um [illegible]? Foi assim?

Adrian: Acredito que sim. Definitivamente, posso dizer que [illegible] mais concentrado [illegible] eu [illegible] e [illegible] cuidado. E você está certo quando diz que são [illegible], porque eu pego as [illegible] *calificação* [illegible] Eu adorei bandas como Three Dog Company, quando era criança, e [illegible] e [illegible] Angra. Então [illegible] [illegible] e [illegible] algo [illegible] e [illegible] algo [illegible] e [illegible] Eu [illegible] Maiden [illegible] vez [illegible] [illegible] e [illegible] Eu [illegible] [illegible] e [illegible] [illegible] [illegible]

a dessa coisa mais nova, mas então o público tinha expectativa. Sim, é como hengua, tentar vencer mais tocando.

Interessante você mencionar a tocar ao vivo de colocar "algumas coisas do disco, porque ainda que Black Light/White Noise é mais um disco do contorno do que do gatarrinha. Foi intencional ir para esse caminho em particular?

Adrian: Sim, é algo que eu e Rufus temos, e sempre gostamos de saber que mesmo a música carrega isso e é como Hendrix, Cream, Dave Murray quando eu tocava 10 anos. É que hoje não é assim porque, tentamos colocar dois gêneros em uma música que não está indo a lugar lugar nenhum. Todos os outros estamos nisso para a música mesmo e tocando cabelo curto, vestindo calça branca e cabelo bem curto, por todos eles, e tomando melhor e só atual. E eu acredito que chegou, de fato, então... Cara, acho que é um de melhor, eu tive emoções, sabe. Qual era mesmo a pergunta? (gargalha bem)

Sobre o disco. Olhando ao seu trabalho mais voltado para as trevas. Não que o trabalho de guitarra não a tenha marcado a uma atenção especial, mas é como se fossem dois caminhos que também tocam guitarra...

Adrian: Ah, sim! Você entendeu e é a minha percepção. Legal, porque eu sempre tive essa coisa de ouvir sobre as vozes, porque isso que aprendi a tocar violão, enquanto cantava, o que Eu sempre fiz até mesmo no meu período antes de entrar para o Iron Maiden. Eu sempre tive vozes, apenas sem guitarra. Aí eu comecei a tocar violão e fui... Cara, demorei muito, muito tempo para colocar isso em prática, e a minha paixão de tocar violão e Rufus também é muito forte. Sempre gostei do lado de dois caminhos, como no Deep Purple, e Rufus tem Derek Connolly e Steve Hughes, e eu Maiden. Eu sou quem diz, Steve Mustaine, mesmo tocando a principal. Acho que é um momento, e sinceramente está mais evidente do que quando eu estava tocando, sabe? Eu me sinto um pouquinho melhor guitarrista agora. É diferente e é incrível, difícil porque normalmente eu jamais não consegue imaginar. Aqui também trabalhando também de maneira mais fácil.

E como muitas músicas trazem conteúdo Black Out (N.B.: leia B do álbum Blackout Tour, música do Scorpions de 1982, antes Gilmore do Iron Maiden), a Death, Sentence acabou sendo um caminho para se pensar e contextualizar o seu canto...

Adrian: Também! Sim, é aquela algo que emerge lá, e mesmo fazendo isso é muito subjetivo por aí. Eu gosto de cantar e ela que tocou e gravou não consegue ouvir o que outros dizem, então posso dizer que é algo de que eu gostei. Sabe, a primeira coisa que faço quando meu medo é ser cantado (ri muito). É parte da música construção, então é legal, sempre e gravar a voz, e aprender sapato que se pareça gostoso. Quando estou no palco, tocando e cantando, é como uma reminiscência, porque tudo está voltado para o público. É uma relação física, a música está movendo para o público, porque não tem erro, mesmo, e sinto a guitarra. É uma combinação de coisas, e sinto que tem Santo e sentimento e tocamos. Gary Moore, Dave Mustaine, Rory Gallagher, Joe Satriani e Stevie Ray Vaughan eram caminho tocando cabelo mesmo, e não do tem Eric Clapton. Eu gosto de ver isso, tem um coisa do país cantando e tocando mesmo e conação, e meu pessoal ser guitarrista. Phil Lynott era baixista e Paul Rogers é outro do mesmo lugar.

BLACK LIGHT/WHITE NOISE
CMD - Rec.

Ele é guitarrista também, mas também é baixista e guitarrista.

Por outro lado, gatarrinha ficaram ainda dois quando você e Richie saíram fora. Como foi isso para você? Não por que Richie se ausenta como do Iron Maiden e já era um fã...

Adrian: Sim, quando ele era jovem (ri muito). Obviamente, Rufus está tentando muito gatarrinha muito mais alto. Ele é um rapaz. Ele não vai ficar de fora mas não vai ficar para o público. Admito que tenho de aprender a linguagem da música, e conformar aprendendo para então interpretar e expressar melhor e conseguir passar emoção. É todo aquele tipo de coisa. Aqui está para trabalhar o que está na minha cabeça para o público. Chega um ponto na carreira em que você pode fazer isso, expressar o mesmo que coisa na minha cabeça, e é disso que se trata.

Não sinto que posso tocar como Rufus, porque é que ele é internacional. Não vai como consegue pensar e quem quando tocar de outro, e eu não consigo tocar daqueles pelo menos que gostaria de não fazer por dia. É como melhorar o jogo e ser tecnicamente, porque alguns dia não gostaria de ouvir o que se ouvia. Há alguns que não tocam mais, não tocam mais, e alguns podem correr para cima e para baixo no palco e o jogo todo. Somos todos diferentes, e é isso que faz a coisa de gerar por coisa entre bandas também. Gosto do que faço, e eu e Rufus conseguimos muito bem.

E exatamente porque vocês são tão diferentes. Por isso mesmo, um pode aprender com o outro.

Adrian: Sim, e Rufus não é aquela coisa tocando. Ele é absolutamente consciente como músico, porque é extraordinário nessa guitarrista e sabe tocar todos outros instrumentos muito bem. Aprendeu e engenheiro de som, então não é aquele cara sabe quantas notas pode tocar. É absolutamente gosto de letras e música para acompanhar, respeito e eu sempre tenho, mas não é para mim. Trabalhar com Rufus nos mesmos, a guitar mesmo tempo nas letras, porque, sim, eles são importantes. Podemos ver a pessoa e nisso que está sofrendo, mas não mais legendado e música. Exprimir nossa letra aqui e a música e se mostrar isso o tempo, então eu não consigo não importante. Mas não Eu e nós de Rufus e eu Scorpions tentando aqueles um aos outros, porque uma outra complementar não é bom.

Uma curiosidade minha, agora: qual a diferença entre trabalhar com Richie, Dave Murray e Janick Gers?

Adrian: Ah, é algo completamente diferente. Uma geração de composição e gravação a tocar ao vivo, então é absolutamente diferente. No Iron Maiden, não há aparentemente para os músicos, porque já conhecemos as músicas, então apenas é tocados. Na hora de compor e gravar, não mesmo para o estúdio e não preparamos como no Rufus uma situação de tocar ao vivo. Algumas músicas mudam ao mesmo do dia, não a mesmo por algumas. Sonar e depois e gravamos. Eu e Rufus não mesmo no estúdio para compor e gravar, e nunca apenas não dois durante o processo de criação, compositor, faixinha e bateria, para que possamos nos concentrar no trabalho.

Você falou sobre bandas que a influenciaram, então no projeto do álbum duas músicas, A princesa e Black Light, porque as duas mudaram Thin Lizzy, a banda irlandesa do Phil

"JUNTE OS MELHORES GUITARRISTAS E TECLADISTAS: GARY MOORE, STEVE MARRIOTT, RORY GALLAGHER, TONY HEMPERIN E STEVIE RAY VAUGHAN EAMM CANTORES BASTANTE SUBESTIMADOS, E AINDA TEM ERIC CLAPTON."

Lançado no seu canto. Foi sensível?

Adrian: Sim, definitivamente! *Black Light* foi algo inesperado, como outra solução, diferente do "Pulse", que era principalmente uma prova mesmo também. Mas Kingston naturalmente queria do a Escalavanhos, e não tinha nada na ou último, que seria demasiado bastante metalúrgico. Eu disse a Rodrigo que tinha uma ideia para um metal, mesmo, e tocar e cantar e que tinha escrito a ele. Phil Lynott foi minha inesgotável inspiração mesmo. Rodrigo gostou, e só não mexemos mais a canção, não dei de também o refrão, por um desses não sente nada. *Black Light* que não deve palavra Fortes. Tive não gravadas de Duas Luzes e também orgulho de dizer que Scott Gorham e não dos tanto melhores amigos. É uma grande sorte e uma recompensa colaborar para mim.

A outra faixa é *Beyond the Pale*, que tem um holofote e até a voz incrível, mas a coisa do solo são os elementos do Pink Floyd que, sinceramente, você acrescentou à música.

Adrian: Sim, e olha que curioso: eu queria fazer algo como Gary Moore fazia, aquele tipo de música de teatro e guitarra, mas apenas na introdução, mas a guitarra acústica. Pegaram a ideia da primeira faixa, e era Eu a tocar a introdução acústica. Quando tive a ideia do papel, fui dar gritos e dizer "Nunca fizer antes!", mesmo original e perfeito dia", e então mas o meu que você está totalmente certo, não usei de Pink Floyd. Fantástico, eu não me dava por quê. Quero, eu adoro Pink Floyd e sou David Gilmour mas eu agora tudo aquele acordes e aquela melodia da guitarra, me e tocando e a cantar. Sabe quando você simplesmente pega mesmo mesmo se e diz "isso, está certo"? Era o certo para a música. Depois Rodrigo mais coisa que fizemos trabalho, e a letra. E outra antigo fizemos, sinal perdido, e também não se quase se perdemos problema em [illegible]

Quando do concerto *Beyond the Pale* pode pertencer a vocês, não pode deixar de lembrar do vídeo em que você tocou *Comfortably Numb*, fazendo o backing a um dos músicos sobre do gaitarra do Rodrigo e um tamanho. E não é apenas o cabelo a solicitada por nós, é a sensação a energia comparada tocou.

Adrian: Ah, obrigado! É aquele Eu se precisamos e sucesso. Eu tinha uns perguntas sobre dos uns amadores de Londres, e eu e o cara Eddie queria adiantar a coisa. Bom dos fomos lá um dia para um ensaio de demagogia, e eu acabei fazendo algo como um "podcast dizer" porque nos Eddie chegou para mim e disse "Por que você não pega a guitarra e toca um pouco?", e Eu o que Eu. Ploguei a guitarra e coloquei a trilha de apoio, mesmo e que fazia para prestigiar. E Eu me surpreendi fazendo isso, sabe? *Por* isso Eu mesmo e você toca Eu, porque eu tenho coisas e não. Basicamente a ideia David Gilmour e aqui que eu tocar, um *backing*, um de David Gilmour, acrobatas, todo e com tiga. Eu disse de tocar *Comfortably Numb*, e eu acabei tive mesmo vídeo e no YouTube. *Até* Eu que fantástico aquilo um [illegible]

O Steve Morse já tem uma e uma terrível engrilhado, a Michele tem uma cigarro do ano, mas uma terrível do tom do Steve? Kansas antes uma realização para tarefa. Vocês está e planejando algo?

Adrian: Não absolutamente, ninguém nada e a Kansas Fazer com Kansas e eu e Eu e a Steve para demagogia o primeiro álbum, mesmo por causa da logística. Sim, tem a música aprendia com a Michele, que tocou da mesmo e a coisa, e eu disse do Rodrigo mas na minha banda, porque ele tem fantástico mesmo. Eu realmente gosto de estar no palco com Rodrigo, Julia e Steve, porque formamos uma Minha banda e e muito divertido. E eu uma quantidade de glória, mas não não expectativa fazer uma banda. Sou cerca a coisa de bolo, porque a coisa que conseguimos fizemos bater para nomes famosos ao vivo. Problema Fazer algum álbum estúdio com pessoas gostam que uma banda trabalhada em destruição ao cenário para as formatos cada mudança. E não mais muito tempo para Kansas. Bem, mais tempo porque estamos da metade de que não fazer mesmo, e sem é mesmo não muito gente mesmo dar que não não queremos fazer ao vivo.

E eu espero que, se isso acontecer, você não venha ao Brasil. Não porque já não é do hoje que você não do caso (risos).

Adrian: Sim, seria fantástico! Eu gostaria muito e a Michele e Eu gostaria muito. A banda Kansas Brasil Brasileiro na banda, a Julia e o Brasil, então é tudo que tentamos de fazer aí. Sinceramente, espero que nos gostem, porque não não não Itália.

IT'S TIME TO LEAD THE PACK

THROW ME TO THE WOLVES

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

BJÖRN "SPEED" STRID

NA MÚSICA

GAIA

DAYS OF RETRIBUTION

LANÇAMENTO MUNDIAL 15 DE MAIO

SINGLES DE LANÇAMENTO

MELODIC DEATH METAL DE SÃO PAULO

GRAVADO NO DUALSONE ESTÚDIO, COM PRODUÇÃO, MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO POR ROGÉRIO WECKO.

@tmttwolves

APESAR DOS PESARES...

Tendo passado por uma fase complicada nos últimos anos, banda se prepara para começar uma nova era com Brian Eschbach nos vocais

Por Daniel Aguglio

Formado em meados de 2001 em Detroit, o Black Dahlia Murder tem – desde sempre – se destacado como uma das maiores representantes do death metal melódico. Após breves alguns de seus platos para o selo de Patrick Mameli (Death) compromettidos pela pirataria, passaram por algo que ninguém deseja: a perda. O desfecho do ciclo foi um dia triste para o metal, com a morte de Trevor Strnad, vocalista e membro fundador da banda. Quando soube, alguns que o grupo permaneceria dissolvido, sem fãs mais nada para entregar e sem saber como dizer ao homenagear o Trevor em outubro daquele ano, com Brian Eschbach, também membro fundador e até então guitarrista, largando as cordas e assumindo os vocais, e com Ryan Knight, que entrou o TBDM de vez, voltando à Família Black Dahlia. Em meio dentro, o momento provando sofrer quando é impossível, acontecendo seu décimo trabalho de estúdio. Certeza, com os membros alternando que deram tudo de si para entregar o melhor álbum possível, apesar dos pesares. Conversamos com o guitarrista Ryan Knight, que nos contou sobre seu retorno ao processo criativo quanto a produção deste novo trabalho.

Para lançar o disco novo, vocês se mantiveram longe para começar que "antes da tragédia, a ideia era lançar pouco após nossa banda colocar o seu Trevor". Qual foi a maior dificuldade de vocês durante o retorno à tal disco novo?

Ryan Knight: Bem, todos sabiam que nos tornaríamos de quaisquer coisas que aconteceu com o Trevor. Inicialmente, não foi difícil de acontecer e difícil de acreditar. Por um lado, especialmente nos que conhecemos, estávamos tentando descobrir o que fazíamos. Sabia substituir Trevor e algo que não era fácil para nós mesmos banda – nem para nossos fãs. Não dá para falar. Bem, nunca achei não para que nos mantivéssemos como não que compreendia qual o não e o sim. Para mim, levou uma pouco de paciência para concluir que Brian queria continuar e queria ser um membro de novo. Ele queria compor um disco, gravar e seguir em frente. Demorou para tomarmos essa por certeza necessária para continuar.

Seguindo uma linha de concordância de vocês, ao seu ver, qual a importância de todos os integrantes desta formação atual já terem vários anos de experiência na cena Black Dahlia?

Ryan: Acho que foi a medida do possível. Facilitou tudo. Este ano, por o novo quarto álbum, sim a banda e os três mais antigos também, o quarto do Alan (Cassidy, baterista) e do Max (Lavelle, baixista), e o terceiro do Brandon (Ellis, guitarrista). O Brian estava envolvido em todos. Todo o resto trabalhou junto por um tempo já, menos eu e Brandon, mas eu já o conhecia há tempo. Parece mesmo interativo, sem contar o que deixou tudo muito fácil. Já sabíamos o que cada um tem que fazer, qual é o seu da banda. Especialmente agora que tenho tido permissão fazendo as composições – é o primeiro disco seu, que não contém o trabalho de todos os lados e o mesmo lugar, o que é uma coisa muito especial – tem sido bem muito fácil. Basicamente, nosso tempo juntos facilita tudo, sim.

Lançamento sobre essa fase [illegible] e dos três [illegible] mas um [illegible] Metallica, ele

comentava que por conta das habilidades de compositor, o centro era o diferencial de Brandon. Ele era praticamente dirigido como cada um de vocês tocando um tempo de seus álbuns. Era assim mesmo?

Ryan: Exatamente, absolutamente o processo de composição do nosso jeito que sempre funcionou. Nós fazemos da maneira primeira possível. Brian basicamente dirigiu em cima e Falcone. Todo mês nos reunimos e eu fazia a metade. Quando vai, Everson a metade inicial, metade de Brian. Depois vem, calibramos que cada um tome melódicas, então dividimos todo, cada um faz um trabalho.

Chamado o nosso álbum, fizemos claro para entender que a qualidade dos faixas em si mesmo e mesmo que as compositores não são dominantes mais da diferença. Essencialmente não de vocês, mas eu tenho aprendido também a diversidade como sempre. Como isso vem mesmo, serviu de uma maneira revolucionário que revolução como?

Ryan: Como mencionei Adam que ainda mais porque estamos no direção disso, é sempre desafiador manter o nível que está no coração da banda, mas ao mesmo tempo conseguir expandir-se, trazendo mais elementos, elementos novos. No geral, diria que DeVil está longe de ser uma revolução. Temos um vocalista novo, mas é uma evolução extrema. Ao mesmo quando ouço as músicas novas, tem pego pensando "Wow, é muito para mantendo". Certas bandas também passaram por isso, por exemplo, não também, em determinado ponto em outras partes. É uma evolução da banda. Tem uma coisa na outra, mesmo Metamorfose Brasil por exemplo, que é bem diferente de tudo que fizemos. É uma evolução do que já estabelecemos.

Tem alguma dúvida de que os Black Dahlia Murder vão trabalhar?

Ryan: Não, na verdade. Realmente acredito que tem parte disso, que não mantido novos como por um tempo, gostaria também do que vem por aí. É entendo a nova altura do campeonato, tenho certeza que vamos acompanhar desde o primeiro dia, mas também muita gente que está tocando conosco agora, como Nightbringer e Hemoglobin. Tem também gostaria. Tem parte disso diferenciar daqueles dizem negativo no turnê, mesmo por conta da presença de Brandon. Espero muito que gostem. Na real, não acredito que vou ver muita coisa do tanto sendo, até emocionante mesmo.

A última vez que conversamos nos não vamos perdia no aspecto da bateria mesmo ai no que ai pelo um tempo, sendo bem mesmo diferente do metal. Uma das bandas que muito nos ouvi não são como nomes [illegible] Dying Fetus que não são tão ruim como muito agora nos metalos. Tem algo a dizer?

Ryan: Sinceramente Alex me diz é difícil ser artista. Eu não falar que não são recomendáveis porque são bem mesmo a pior banda. Você demora poder falar mesmo que ofendeu os outros. Comentaríamos na maioria das vezes, especialmente quando vem de um consultante, então falando sério a coisa. Não estava muito ligado nas músicas do Dying Fetus mas Espero sabendo recentemente que tinha uma guitarra fazendo temporada na corpo d'agua por conta das letras do Cannibal Corpse. Que então na entrada bem mesmo de trabalhar aqui e nas letras sempre foram sérias. Não sabemos que

tem sacou letras tribalas por aí. Bem muito, death metal é música detestável, um filme de terror em forma de música. Talvez não, não possamos todos parar uma hora para ouvir porque cada uma delas acaba a arte no geral. Mas parece que vou parar antes de mencionar. Talvez a melhor coisa que eu possa dizer sobre isso é que não absolutamente hipócrita quanto que estamos nos recusando em vida. Pode parar que bastante coisa do death foi muito concebida, porque, então, quase de volta à primeira coisa. É sentível que ainda tem muito mesmo tipo de mesmo hoje em dia.

Agora olhando para o futuro, acho mesmo que vocês passaram por mesmo [illegible] anos. Há quase dez anos. É a última vez que vocês mesmo aqui como Black Dahlia Murder final de ano. Lembra de alguma história? Cogita ja fazer de Brasil mesmo hoje mesmo?

Ryan: Faz um tempo desde minha última vez. Lembro que estivemos aí com Cannibal Corpse e Suicide Silence, e acho vamos dizer Europa também. O problema daí é mesmo. Adoro que tem muita gente aí que consegue manter vai mesmo realmente conhecendo ao interior. Não tem problema. Bem muito que mais rodou especialmente aí no Brasil, muito não muito interessante bom. A arte parece ser algo muito valioso do. Digo, também é aqui no EUA, mas não do mesmo jeito que é aí. Não tenho interesse e tenho artistas mesmo aí. É sempre muito aí, as pessoas sempre aprecia muito mesmo mesmo. Também demorei. Adoro mesmo mesmo documentário brasileiro! Estar aí é não bom, não diferente. É outro mundo, e um pouco muito bonito. Da primeira vez que demorei aí, quero muito poder ir lá. A bateria em si ja foi, mas no mesmo. Adoro São Paulo e Curitiba, mas mesmo de mesmo de conhecer a Cidade Maravilhosa.

Se que falou de [illegible] mesmo alguma banda ja aqui que vocês mesmo revisto ultimamente? Alguma coisa que gosta muito?

Ryan: Muito muito de doença. Sempre fui um grande fã do Edu Lourenço, desde bem antes da entrada da banda Wrapeldeth. Tem que Angra e Sepultura no Brasil", que todo mundo conhece. São dois grandes expoentes da cultura brasileira. Tem dois não no que mais rodou. Ja faz muito mesmo que não ouvi Tim Tim e me surpreendo com a qualidade da música daí. Da última vez que estivemos aí, não tínhamos ouvido muito mesmo. Mas demos um pouco na rua e pegamos na frente. Devia para cara com uma guitarra e um amplificador pequenininho, e não estava determinado. Fizemos uma coisa bem [illegible] Estava ótimo, mas mesmo bem [illegible] Ah, antes que esqueça, também tenho que mencionar aí bem bem mesmo, não vai ser dia para ver Espera aí, vou pegar, está aqui na minha mesmo. Estava mesmo mesmo disco do Tim. Deixa aqui, não não. Eu não tenho mesmo disco dele. Sinto Flower [illegible] Anda dos quatro fantásticos. Mesmo como mesmo bom, mas mesmo Sinto Flower... Antonio Gilberto também, mesmo mesmo aqui em casa. Muito muito.

A América Latina está quando vocês a volta do Black Dahlia Murder?

Ryan: Não sei de cor, mesmo algum planos. Não vai mesmo mesmo quando será, mas não duvidem que em 2018 estaremos aí, então não tenho que esperar muito. Vai ser bom voltar.

ClassiCrew

Geograficamente, o Brasil está bem perto, até mais da Costa Oeste americana. Metallica, Slayer, Megadeth, Exodus, Testament e cia. já vêm, sim, bem longe e de bandas de rock clássico nos Califórnia, a Meca do Metal é um pouco mais longe. Longe do trânsito, na gélida New York, o distorcer sempre esteve com atenção tanto o que acontecia, obviamente ao redondeiro e encaixava uma mesmo da Costa Leste ao lado do Overkill, de New Jersey. Claro, que não é só disso que o Anthrax já era uma banda diferente em todos os sentidos. Liderar e Turbo enfrentaram fora, deixando seus produtores para Dimebag Darrell e Cowboy Bellardinha, respectivamente. Antes disso, a Metallica, mesmo do quarto número, sofreu diferente a influência ao speed metal pesado um bando da sua força, mantendo espaço para um sim. Metallica mais escrevendo a definição das referências do hardcore de New York. Em também compõe um mergulho profundo de suas músicas mais variantes e arrangentes do metal tradicional, explorando especialmente pela voz de Bellardinha, de longe um vocalista mais completo que Turbo. Ou seja, fazendo não de todos um como logo do colaborativo, e com um fazer realmente a diferença da outra banda, o Anthrax entrou no Pantheon. Sendo preciso para registrar seus dois álbuns que definiram seu caminho e fizeram sucesso.

É uma difícil missão se distinguir dentro disso. Clássico com a mistura A.C.D.C. e Metallica, sobra mais a velocidade extremamente de S.O.D. (Stand On Ball, que também a sigla do MTV). Por outro lado, o jeito calculado de The Shining também demonstra atenção. Porém, o Among Glassinho esquálido de Medusa, com seus backing vocals mais elaborados e perfeição, aproximaram o ponto de melhor canção do álbum. Obviamente, Persistence Time, Mr. Alcohol, são clássicos absolutos. Deixa levar cliff entrelaçando uma perfeita acompanhamento de Bellardinha e um vídeo quebrada o clássico da banda, a faixa Metallica. Depois aparecerão outrinha saiam do jogo (EA, Tom City ao lado de Megadeth, o Slayer).

Valmeck Amaro

1985 ANTHRAX
Spreading The Disease

Em 1985 o Ozzy Osbourne, após lançar *No More Tears* (1984), resolveu se aposentar da estrada. Tanto que a tour que se seguiu, passando apenas pelos EUA e Canadá e durando só a parte de cegando mesmo da gente aqui, recebeu o definitivo nome "No More Tour". Como ele não tinha banda nada, bem durão, em seu entorno em estúdio somente para registrar seu próximo trabalho: *Ultimate*.

Mas não foi um processo simples. Primeiro, Ozzy convocou a gravação com o produtor Michael Wagener, que havia trabalhado o álbum anterior, e um time composto por Steve Vai (guitarra), Mike Inez (baixo) e Randy Castillo (bateria). Só que a Epic Records não gostou do que ouviu: queria mais primeiro e tocava grandes e clássicos Michael Bradford em lugar de Wagener. Ozzy também teve que trocar muitos dos seus velhos parceiros Geezer Butler para o baixo e Tommy Cartwright para a bateria. Já Vai teria se desentendido com o Madness, que chamou Zakk Wylde de volta ao seu combo. Como consolação, sugeriu ao seu que Rob Halford, que havia sido indicado em duas faixas.

Mesmo assim, Ozzy não teve uma boa bandeira das gravações, já que não gostou do fato de trabalho de Bradford. Em entrevista em setembro de 2002, "Bradford não cantar o que tinha, e então chegava um momento em que disse: 'Isso não parece nada. Vamos continuar amanhã'. Eu chegava no dia seguinte e não fazia. Isso não rendeu. Vamos ter que começar de novo".

Recomeçando de zero, Ozzy teve que ter colocar bem na parceira com Vai. *No Rest For The Wicked* foi escrita para o álbum Ozzy Jack. Essa também não teve uma parceira bem com, mas grande sangue Lemmy Kilmister em *Shot In The Dark* (Ozzy Jack).

Mesmo com os percalços, Ozzy conseguiu um trabalho muito bem recebido na retomada da carreira solo de Osbourne. Chegou ao quarto posto da americana Billboard, ingressando até o ouro pelas vendas do álbum aumentou. Também foi certificado Disco de Platina duplo nos EUA e Disco de Platina no Canadá.

E, mesmo durante o seu período aposentado, Ozzy Osbourne retornou ao hard para

OZZY OSBOURNE 1995
Ozzmosis

dividir o disco em agosto de 1995. A obra de Osbourne, que se estendeu até o que seguiria, recebeu o nome de "Retirement Sucks" (algo como "aposentadoria estilo e ruim"). Perguntado sobre essa inusitada escolha, disse Ozzy: "Eu só tinha uma ideia da capa do álbum e não sei como, mas acabei de assistir a um filme e o cara tinha aquilo. Então, não tive escolha".

Antonio Carlos Monteiro

Extremamente criativos, dono de uma mistura absolutamente surpreendente, e um perfeccionista quanto à sua situação nas gravações em estúdio e nas apresentações ao vivo, o vocalista e compositor americano Warrel Dane tornou-se um dos indivíduos mais admirados do mundo. Ao mesmo tempo, questionou a sua arte. Da escolha de temas da banda, passando pela temática das letras e até as imagens revolucionárias para ilustrar cada álbum, sobretudo os mais pesados, são notáveis as reflexões que fizeram sobre o mundo e sobre a sociedade, que deram ainda mais profundidade para a sua descrição da Humanidade. Lamentavelmente, nos últimos anos Dane enfrentou problemas para colocar o seu banco diante do público, não conseguindo demonstrar todo o seu talento, que tornava possível um momento social rico e brilhante, ainda que também não tenha sido o ideal.

Embora esta não pareça uma Discografia Ideal ao menos, Dane (vocais), Van Williams (bateria), Steve Smyth (guitarra), Jim Sheppard (baixo) e Jeff Loomis (guitarra) tornaram-se responsáveis e o mesmo nos deixou alguns verdadeiros pedaços do sentido de cada música e profundos e radicais álbuns. Neste caso, falo sobre *This Godless Endeavor*, que é quase a materialização do quarteto, e cuja dívida não deve ser pesada demais em relação a sua carreira. A musicalidade rítmica e intrincada, a voz ligada e hipnótica, tudo isto é, mais uma vez, a interpretação do seu profundo desconforto, a busca de valores da vida, especialmente que a banda falou adiantado pelo período de crise do mundo. Devido, Dane escreveu a canção de Warrel Dane ser considerado um dos melhores da sua geração, pois de vocais rugidos que buscam o gritar para certa distorção melódica com a voz limpa. Dane entregava-se de seus melhores performances. Entre que se sobressaem, aqui como *Blind Man's Bluff*, *Sea Quarry*, *The Death Of Cobain* ou ainda na longa faixa título, marcada por mudanças de ritmo e que sempre mantém a nossa concentração e atenção.

Lamentavelmente, o álbum também trata destaque. Na época, Dane expressou sua frustração com as pessoas que sugeriam que deveríamos a solução para os problemas causados pelo homem em nome da fé, não importando do que deus está falando. "Um álbum sobre a ideia da inutilidade do próprio conceito", nas palavras do próprio vocalista. Destaque ainda para a Ótima capa, de Hugh Syme (Rush, Iron Maiden, Dream Theater, Megadeth, etc).

Valmir Junior

2005 NEVERMORE
This Godless Endeavor

O terceiro álbum da entidade do Ghost trata, de forma extraordinária da carreira da banda, liderada por Tobias Forge. Em meados *Meliora* (a) parte para Inferno, de 2015, O Papa, detentor do latim, significa "melhor" ou "a busca por algo superior" refletindo o conceito livre do disco, uma ótima e consciente crítica e ao mesmo tempo, pesado pelo emprego tecnológico.

Produzido por Klas Ahlund, conhecido por trabalhar com nomes do pop, como Melissa e defesa pela sonoridade mais pública e respeitosa, em comparação aos seus álbuns anteriores, que soavam mais obscuros. O disco equilibra riffs pesados e elementos progressivos com uma produção moderna. Mesmo as músicas acústicas não perdem a identidade sombria da banda. A mixagem foi por conta de Daniel Walleen Fabricio por seu trabalho com Marcus Dimmisdal e Gaynor Zwiggelaar. Brandt, garantindo um som escorreito e dinâmico.

A capa, criada pelo artista polonês Zbigniew Bielak, é a quarta faixa do disco e remete à estética distópica de Blade Runner (1982). Ela retrata Papa Emeritus III de forma assustadora sobre uma cidade gótica industrial, reforçando a mistura de terror, futuro sombrio e decadência.

Com faixas cotadas como "Cirice" – que rendeu ao Ghost um Grammy de Melhor Performance de Metal (a indicação do ano), com características de Black metal, romântica, Depeche Mode – *Mr. S.* uma balada quase pop, e *Mummy Dust*, que remete ao clássico do metal. *Meliora* é um marco na discografia da banda.

Outros destaques são a sensacional *Spirit*, a roqueira *Faith Of Wisdom* e *Mr. Majesty*, uma sacrílega paródia inspirada por um hino Maçonaria. Ela, juntamente a *Deep Purple* e *Dance Macabre*, que encerra o disco com um rock operístico acompanhado por um órgão imponente. Nota-se ainda o coral nas faixas, reforçando a atmosfera litúrgica e quase blasfêmia da música. Tudo isso em uma mixagem equilibrada e clara, como se fosse o movimento de uma missa sombria.

Algumas versões da Meliora incluem mais canções e o single *Square Hammer*, que inclui a aparente ou EP *Popestar*, de 2018. Embora não faça parte da versão original do álbum, a sensação *Square Hammer* se tornou um dos hinos do Ghost, sendo geralmente, dirigida nos shows.

Meliora não apenas consolida o Ghost no cenário do metal, mas também amplia seu alcance, provando que a teatralidade e o conflito sacro podem ser explorados em melhores versões e sonoridades.

Leandro Sagaski Cappa

GHOST 2015
Meliora

HIDDEN TRACKS

GHOST BRIGADE

ORIGEM:
Finlândia

ÉPOCA:
Anos 2000

ESTILO:
Melodic Death Metal/Doom

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Tuomas Kinnunen (guitarra), Juuso Julin (baixo), Mika Rättö (vocal)

DISCOGRAFIA:
Guided By Fire (2007), Isolation Songs (2009), Until Dust We Longer Deliver Us (2012), IV – One With The Storm (2014)

A lenda do heavy metal compõe-se maioritariamente por um fenómeno interessante: um conjunto de bandas que nasceu e cresceu em uma determinada região, mas possuem influências musicais vindas de artistas que conseguem a mesma sensação, apesar das vertentes se mostrarem muito distintas, até que novas sonoridades começam a surgir a partir do fenômeno original, criando um novo cenário em um lugar diferente. Um cenário black metal sorrangiano, como é notável quando analisamos as cenas de Oslo, Bergen e Kristiansand na Noruega, como a de Londres, Manchester e Birmingham, e como em praticamente qualquer grande cenário em que olhar. Especialmente durante o final dos anos 90 e início dos anos 00 a Noruega viu a explosão de um grande do death metal entre os bandidos pero cuerpo que não foi determinado que o fenômeno se repetiu por lá.

A capital Estoniana obviamente apresentou ao Universo do mesmo total. Unanimated, Qaeres, Dismember e Entombed são peças que "somos oficiais" com morgado aos arredores, cada uma agregando algo único à sua sonoridade. Não demorou muito para que conversas sobre outro fenômeno vindo da Suécia, o "Gothenburg Sound", registrasse do por In Flames, Dark Tranquillity e At The Gates. O Som de Gothenburgo trada mais era do que o hoje extremamente difundido death metal melódico, que ao perder as provas do tempo experimenta ainda renegado, graças à crescente constante de outras bandas. Uma delas, surgida em 2006, era justamente o Ghost Brigade. Quase como uma prova do fenômeno global que o estilo se tornara, a banda não nasceu nos arredores de Estocolmo, tampouco era uma formação nova: o quarteto de fundadores se reuniu em Jyväskylä, na Finlândia.

Quase que seguindo o conceito básico, Veli-Matti Oulikoinen (bateria), Tomas Kinnunen (guitarra), Juuso Julin (baixo), Mika Rättö (vocal) e Marcus Sorsa (voz) foram logo de cara registrando sua primeira demo, disponibilizada em 2006. Evidentemente influenciados pela nova onda nórdica e pela gigantesca da melancólica Vipera do metal Finlandês, os nomes de vocais muitos dessas demos desapareceram e apenas da Tracks of Mist, que colocou a banda em seu catálogo já no ano seguinte. Gravado, mixado e masterizado no Soundoff Studios da capital Helsinki, nos primeiros meses de 2007 e finalmente lançado em setembro daquele ano, o debut Guided By Fire apresentava muito do que fora a demo: os quatro músicos registrados respaveriam sua voz, a produção voltava a ser de Mikko Pokkinen (Down The Black Longest), e até as participações especiais de Aleksi Mäntylä Ruotsalo, de Swallow The Sun, e Fredrik Nordin (vocal de apoio, Dragon) voltaram a se repetir. Em diferente, uma nova canção, que engrandecia a versatilidade da banda, e demais acertos do que viria a ser a sua produção.

Nesse período registrado no Soundoff, e sua produção da própria banda, o segundo álbum, Isolation Songs (2009), acrescentaria determinados elementos até mesmo do doom, aproximando o Ghost Brigade de atos como Insomnium e Swallow The Sun. Com isso, o quarteto passaria encontrar sua essência de cinza, e foi acrescentando ainda mais coisas que eles gravaram, em diferentes estúdios durante o intervalo de março e abril de 2011, o seu terceiro e impressionante álbum, Until Dust We Longer Deliver Us. Trazendo ainda mais elementos atmosféricos e quanto álbuns, IV – One With The Storm (2014) ressaltava a sua da maneira, e a Fonseca dos Fãs. Trazendo a produção refinada de Tuomas Kinnunen (Swallow The Sun, My Funeral, Church Of Hell), e a mais experimental e atmosférico da carreira do estilo melódico, completado com a bela dupla Juho Vanhanen. Com elementos que vão do post-rock ao doom atmosférico, o álbum acabou encerrando a discografia da banda, que entrou em hiato no ano seguinte. Embora tenham anunciado um retorno para o ano de 2020, o plano Fanaticismo pela pandemia, e ainda a banda mantém o silêncio, em aguardo daquele ano. A compilação The Best Of Ghost Brigade (2017) e o live MMV – MMXII (2018) mantêm vivo o legado da banda, que não mais pode se nomeia falar desde então.

Valmeck Junior

Guided By Fire (2007)

Isolation Songs (2009)

Until Dust We Longer Deliver Us (2012)

IV – One With The Storm (2014)

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

LÓCHRANN

LÓCHRANN RETORNA AOS PALCOS E ANUNCIA NOVO ÁLBUM!

OS BARDOS DO FOLK METAL BRASILEIRO ESTÃO DE VOLTA!

Após um período afastados, o Láchrann retorna com força total e promete novidades para os fãs. Com shows já marcados, a banda, que já dividiu o palco com nomes como Cloverfie, Korpiklaani, Tyr, Skyclad e Crisachan, prepara o lançamento de seu novo álbum, trazendo ainda mais peso, melodia e histórias para seu universo musical e lírico.

Enquanto o novo trabalho não chega, quem ainda não conhece a banda pode conferir o álbum "Tawnchalk" e os singles já disponíveis no Spotify. Fique ligado nas redes sociais do Láchrann para mais detalhes sobre o lançamento e as próximas apresentações.

O espírito dos antigos bardos vive — e a jornada continua!

ENQUANTO O NOVO ÁLBUM NÃO SAI, OUÇA OS SINGLES DISPONÍVEIS EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

deezer spotify amazon music

Apple Music

Google Play

deezer

spotify

PAPA ROACH

UMA VIAGEM PELA MENTE HUMANA

Jacoby Shaddix fala como a superação dos males mentais se tornou uma das principais forças motoras da música do quarteto californiano

Por Valmir Amaro

Quando surgiu em 1993, na cidade de Vacaville na Califórnia, o Papa Roach ainda era uma banda muito diferente daquela que se tornaria no final da década seguinte. Os anos 90 não foram apenas em vender um montão de álbuns da banda, se tornaram uma das forças do rock na virada do milênio, quando nos quartetos Dove de Platina triplo com *Infest* (2000), Dove de Ouro com *Lovehatetragedy* (2002) e Dove de Platina com *Getting Away With Murder* (2004) são bem claros o início da jornada para uma banda que apenas três anos antes havia financiado e produzido seu próprio álbum de estreia, *Old Shit On This Thing* (1997). Do início turbulento à consagração, dos concertos de fãmeto na mídia para se tornar um fenômeno mundial, o vocalista Jacoby Shaddix e seus companheiros viveram e testemunharam muitas lembranças de tristeza e queda, e com vergonha narram as letras de Shaddix. A banda carrega demônios consigo na saúde mental, abordando temas como tristeza, ansiedade e depressão na sua música, mas tudo almejando um patamar mais alto em *Ego Trip* (2019), o álbum mais recente do quarteto. A faixa *Leader or Light Ok* (*Walk Away the Darkness*) dedicada ao falecido vocalista do Linkin Park, Chester Bennington, e tem seus royalties direcionados para a Fundação Americana de Prevenção ao Suicídio. Nesta da canção Shaddix nos fala mais sobre a inclusão e a dança que ela transmite.

Olá, Jacoby obrigado por reservar parte de seu tempo para falar conosco. É sempre um prazer falar na ROADIE CREW.

Jacoby Shaddix: Eu que agradeço. Valeu mesmo pelo seu tempo e pelo espaço para o Papa Roach. É muito falar para o Brasil!

Bom, vamos começar pelo início do processo que se tornou um novo álbum. Em novo o Papa Roach lançou o álbum *Ego Trip* e é [illegible] a canção *Leader or Light Ok*. Comecemos [illegible] *Ego Trip*.

Jacoby: Começamos a fazer *Ego Trip* ainda durante a turnê mais complicada da pandemia, então a turnê era uma maneira de sair do isolamento de toda aquela situação horrível de estar no meio do nada, naquele estúdio aquilo que estava acontecendo na turnê, era uma trilha sonora da escapa. Enquanto estávamos criando este álbum, a intenção era fazer algo que fosse verdadeiramente [illegible], algo que não fosse [illegible]. Bem, não [illegible] [illegible] álbuns [illegible] [illegible] álbuns. E [illegible] uma canção como *Leader or Light Ok*, algo completamente desgraçado, cru e emocional, o momento pelo qual Enquanto fazíamos o álbum, estávamos conversando e lembrando de todos os amigos que haviam se perdido, amigos de trabalho e pessoas que conhecíamos que haviam perdido a vida por suicídio. Todos na sala tinham uma história, e nós que estávamos naquela caminhada queríamos prestar homenagem. Tentei escrever versos, como um pedido de ajuda e dizer que *Leader or Light Ok* seja uma espécie de [illegible] para minha família. Ela está dizendo "Eu entro aqui por você, não importa pelo que estão passando, não que a vida pode ser difícil, mas eu tropeço, mas eu [illegible] com pastos, mas eu falar sobre isso, sabe? Acho que isso é uma [illegible] muito importante. Meu filho mais velho estava indo para a faculdade para se tornar parte da equipe, e eu queria que ele soubesse que não importa quão difícil a vida certamente não importa em que [illegible] a vida [illegible] que ele soubesse que eu estaria por ele.

**Cara, pois [illegible] uma [illegible] mente e muito [illegible], e [illegible] sentiu que não [illegible] a mensagem e a [illegible]. E não [illegible] algo que a [illegible] [illegible] como [illegible], [illegible] já passamos por algo difícil [illegible] na vida, [illegible] já [illegible] [illegible] algumas [illegible] [illegible] já [illegible] algumas coisas [illegible] [illegible] aplicam. E [illegible] uma canção que [illegible] que [illegible] [illegible] [illegible] problema [illegible] [illegible] [illegible] algumas [illegible] [illegible] [illegible]

para seguir em frente. Tem sido uma jornada mental e espiritual que tenho expressado nessas músicas.

E o que acho mais belo nisso é a gama de emoções que você cobre na sua música, como em *Between Angels and Insects*, em que você fala sobre a ganância desenfreada e a pressão que existe sobre nós para alcançarmos um status social, ou canções como *Getting Away With Murder* ou ainda *She Loves Me Not*, cada canção é única e diferente. Uma das minhas favoritas do seu catálogo é *Help*, do álbum *Crooked Teeth* (2017). Ela já começa com você dizendo 'I think I need help/I'm drowning in myself' ('acho que preciso de ajuda/estou me afogando em mim mesmo'), não há como ser mais direto que isso.

Jacoby: Pois é. Lembro que na época estava pensando 'como será que posso descrever essa escuridão que estou sentindo?' Eu simplesmente sentia como se todas as luzes estivessem apagadas. Havia essas nuvens negras sobre mim, acredito que todos que lidam com a depressão entendem que esse sentimento é devastador. Uma coisa que sou grato é pela depressão ser temporária. Ela vai te atingir com força e vai te derrubar, mas ela vai embora, você só precisa ser forte e não sucumbir, e fico feliz por ter ferramentas que me ajudam a superar esses momentos. Sabe, sempre fui muito resistente a aceitar medição prescrita por médicos, sempre fui mais afeito ao caminho holístico natural de cura, sempre busquei um caminho mais natural e espiritual antes de correr até o médico e dizer 'me ajude, preciso de um comprimido'. Encontrei vários caminhos ao longo da minha vida que me ajudaram a sair de momentos difíceis, exercícios físicos são parte importante disso, o contato com a comunidade, a conexão com minha família e meus amigos, é importante se manter em contato com as pessoas nesses momentos. O isolamento é onde a escuridão e a tristeza prosperam, é importante encontrar maneiras de seguir adiante até a escuridão passar.

É importante que tenha dito isso, pois a música não pode ser o único caminho. Pessoas como Chester Bennington (vocalista do Linkin Park, falecido em julho 2017) e Chris Cornell (vocalista do Soundgarden e Audioslave, falecido em maio de 2017) estavam lá, colocando seus sentimentos para fora, estavam tentando, mas não conseguiram. É importante encontrar apoio nos seus amigos e familiares, e é isso que você diz em *Leave a Light On*.

Jacoby: É verdade. É importante lembrarmos que não pensamos direito quando estamos na escuridão. Quando você está preso nas garras da depressão, sua mente não funciona direito, e então vêm as ideias de suicídio. Nunca se deixe chegar nesse ponto, não tenha medo de procurar ajuda. Meu coração está com as pessoas que perderam alguém importante para o suicídio, eu mesmo perdi. Essa nunca é a resposta, por favor, lute mais um dia, você vai passar pelo que estiver enfrentando, é isso que quero que saiba.

É isso aí. Para finalizar, podemos esperar um novo álbum em breve?

Jacoby: Deveremos passar o resto de 2024 trabalhando em *Leave a Light On*, mas estamos sempre compondo novas músicas. No ano que vem planejamos lançar algumas novas músicas, então talvez tenhamos tudo pronto para um novo álbum do Papa Roach em 2026. Muito obrigado, foi um prazer falar com vocês!

Bryan Kasch

Jerry Horton, Jacoby Shaddix, Tobin Esperance e Tony Palermo atualmente celebram os 25 anos do *Infest*, seu primeiro álbum de sucesso mundial

QUEENSRŸCHE

IMPÉRIO RECONSTRUÍDO

Todd La Torre fala sobre a expectativa de vir ao Brasil pela primeira vez com o Queensrÿche, além de como a banda reencontrou sua própria essência

Por Daniel Dutra

Antes tarde do que nunca. Depois de uma passagem frustrada pelo Brasil, que praticamente antecedeu a saída do vocalista Geoff Tate, o Queensrÿche vem ao Brasil com Todd La Torre ao lado de Michael Wilton (guitarra) e Eddie Jackson (baixo), quarteto fundadores, e Mike Stone (guitarra) e Casey Grillo (bateria) para confirmar que quem é necessário perde a magnitude. A banda se apresenta duas vezes em São Paulo no mês de abril – no Monsters of Rock (28) no Allianz Parque, e depois dividindo o palco com o Judas Priest no Vibra São Paulo (30) – para confirmar aos fãs brasileiros que há muito que vão para o show. Em uma conversa com o músico, La Torre falou sobre como vê seu trabalho como de progressivo, e para muitos a geração de novidade, se mergulha para fazer jus ao posto.

O Queensrÿche vem a trabalhar depois de 2 anos, e será sua primeira vez no país. Qualquer expectativa?

Todd La Torre: O Gilmore disse que o Queensrÿche fez a América do Sul. Eu não no Brasil, então não sei o que aconteceu não foi muito legal. Brasil. Mas estamos todos muito animados agora, porque eu tenho dezesseis anos, e eu realmente o período em que estive na banda, [illegible] "Por que não vem ao país?" Por um motivo ou outro, até agora, simplesmente não tinha sido possível, então será uma ótima primeira vez. Eu nunca estive no país antes, então estou realmente ansioso, até porque eu que o público do país é apaixonado. Música especial é da América, então, lugar fantástico, e lá eu não vou ficar muito bem. Fantástico, realmente. Todas as melodias de guitarra, e isto que eu falei antes figura a música mais, não muito sofisticada e sensacional. Não há não sei qual será o ritmo particular que nunca tocaram, mas [illegible] Queensrÿche e Judas Priest e algumas coisas do The Warning (1984), alguns grandes momentos e talvez algo novo e interessante.

Em 2013 você parecia saber o rumo, porque [illegible] Judas Priest. É uma função fácil para explicar [illegible] Queensrÿche, não?

Todd: Não, não é muito difícil [illegible] Original Tour, isto é, como na Europa, [illegible] que não é tão complicado, que não é tão complicado [illegible] do EP e do próximo álbum (R.E.M., Queensrÿche, de 1983, e The Warning). Não é tão difícil porque é a primeira vez que mais para o Brasil depois de muito tempo, então queremos [illegible] de que [illegible] uma maneira legal [illegible].

E [illegible] Chris ou Geoff [illegible] a banda como você e há um material do álbum [illegible] Queensrÿche [illegible] Judas Priest [illegible] ao vivo [illegible] pela primeira vez...

Todd: Essas declarações [illegible] pelo elenco e [illegible] que [illegible] Tate, com equilíbrio [illegible] do Israel, Tomorrow Quiet of the Brain, Breaking the Silence e Operation: Mindcrime, [illegible] para uma [illegible] e, por mais que [illegible] e algumas pessoas [illegible] novo material, [illegible] no [illegible] público. Com [illegible] que seja uma [illegible] muito bom, então [illegible] para Walk in the Shadows, [illegible] plateia [illegible] muito [illegible]. Tocar as músicas [illegible] e 80, porque não queremos perder o público, e [illegible] Estamos [illegible] muito [illegible]. A [illegible] também [illegible] multo [illegible] a [illegible]. Talvez algumas [illegible] músicas [illegible] que [illegible] que [illegible] o [illegible] Quando e Digital Anger Affair [illegible] Eu [illegible] Eu [illegible] Eu

Você mencionou a última vez do Queensrÿche ter ido à Brasil, e foi uma pena que ela não a pudesse conhecer. Depois disso, como a sua carreira, a banda e a música tiveram impulsos e alterações na parte da música e não só? Como aconteceu esse amadurecimento, não só também, e quais foram as mudanças que o Queensrÿche teve?

Todd: Ao contrário do que Geoff Tate acredita, ninguém tem a mesma mentalidade que eu e o resto do pessoal da minha banda. Nós temos muitas personalidades, somos muito fortes, algumas vezes nós nos relacionamos de maneiras diferentes, por exemplo. O baixo mais dinâmico e modernos é mais da Eve, como alguém do Queensrÿche.

Por mais que a gente saiba do que foi lançado, o que está por vir do Queensrÿche? Geoff Tate anunciou que ele está trabalhando em um novo álbum. Do que Tate anunciou e pensando também na banda, tem alguma coisa que vocês gostariam de lançar e fazer?

Todd: Também. Eu me pergunto, e é difícil dizer que foi algum dono que simplesmente tenha inventado, mas o que eu acho é, gostaria, quando entrei na banda, Quando eu gostaria mesmo terminar as músicas e fazer o álbum. Acho que não se pode dizer que eu gosto de escrever letras, antigamente. Gosto de fazer isso com um parceiro, mas o que eu gosto é que a dificuldade de fazer isso é muito difícil. Não foi também a coisa do magazine. Como sentar, escrever e ter um CD de guitarra, baixo e só Michael, e eu escrever uma coisa mais, na composição da canção. O Queensrÿche está mais fugaz. Acho. Mas infelizmente, o disco estará disponível que saiu para eu ouvir. Eu vou fazer uma avaliação. Tipo Villa, eu vou não é isso. De fato eu fiz Chaos (risos) eu vou dizer isso. Sinceramente (risos). Não estou com intenção de dizer isso mas, mas eu realmente gostaria de colaborar, eh, queremos escrever músicas positivas e que fazem as pessoas sentirem algo, sentir sentido, que tenha, informação, inspiração e conhecimento. E eu acho que isso é uma coisa, eu acho não, mas que isso é o que eu quero e o novo álbum deles, eu não sei o que eles estão trabalhando, que Queensrÿche está agora e como que a gravadora vai dar a liberação e a produção. Eu, que eu, ninguém sabe o que é o que eu quero que estejam na banda. Eu acho bacana de que o Chris DeGarmo está fora, porque ele precisou fazer seus projetos pessoais, mas também eu agora estou sabendo que o Queensrÿche está fazendo. Então é o que eu estou fazendo e isso é o caminho. O meu trabalho, o Queensrÿche está da mesma, e também não na educação pública. Não é bacana ser a educação do estudante, porque também eu sou um cara muito, muito, está grande, sou o quinto. Ou seja, finalmente todo do jeito que precisa ser. E digo que é o fim agora para mim. Minhas opções eu sinto somente.

Você sente, esse gosto que eu falei, sempre diferente. Aqui Geoff disse que a banda Queensrÿche acabou. Chris DeGarmo, onde estavam quando a fase da banda e Mike? Eu sei bem. Zeneo ler Lowell? Não sei bem o real, porque eu ultimamente ouvi o Chris. E aqui Geoff disse que não existe Queensrÿche sem Geoff Tate. Onde estavam antes do Tate? Onde estavam antes do Chris e de outros álbuns, porque a Dana é maior (risos). Como é perfeito da diversidade é estupido.

Todd: Acredito que Geoff é muito melhor, também. Não sei por, bem mais do que, eh, porque eu acho que ele, é, é muito para o cargo de trabalho por seu próprio direito, eu acho que também não sei o que aquele que modificou. Chris, também é um, também, adoro, eu acho muito bom que ele, é muito, que ele é muito, que ele é muito, que ele

**[illegible] A primeira é *Forever*, que é [illegible] e [illegible] pergunta se há alguma [illegible] por [illegible]. Perdi [illegible] e [illegible] e [illegible] [illegible] [illegible]

THULCANDRA
A DYING WISH
THULCANDRA
LIVE DEMISE
GRIMA
NIGHTSIDE
EDGE OF PARADISE
PROPHECY
WARBRINGER
WRATH AND RUIN
WARFIELD
WITH THE OLD BREED

SMITH/KOTZEN

BLACK LIGHT/WHITE NOISE

[illegible] – [illegible]

9.0

[illegible]

Daniel Gallo

JINJER

[illegible]

[illegible] – [illegible]

9.0

[illegible]

Daniel Gallo

VALLORCH

THE CIRCLE

[illegible] – [illegible]

7.5

[illegible]

[illegible]

BENEDICTION

[illegible]

[illegible] – [illegible]

9.5

[illegible]

[illegible]

IGGOR CAVALERA / SHANE EMBURY

[illegible]

[illegible] – [illegible]

8.0

[illegible]

[illegible]

Valcelli Silva

LORDI

LIMITED EDITION
KOMPAKT PYCCKOЙ ВЕРСИИ
SONY MUSIC – R$ [illegible]

8,0

[illegible]

Marcelo Carvalho Bastos

KILLSWITCH ENGAGE

THIS CONFLICT OUR DISTANCE
METAL BLADE – R$ [illegible]

8,0

[illegible]

Claudio Rudolf

BLEED FROM WITHIN

ZENITH
NUCLEAR BLAST – R$ [illegible]

7,5

[illegible]

Valcelli Silva

KANONENFIEBER

LIEBE IN ZEITEN HASSES
EDITION MEDIA – R$ [illegible]

9,0

[illegible]

Valcelli Silva

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

NACHTMYSTIUM

BLACKENED SKY LIES
PROPHECY — MP3

9.0

[illegible]

Kalwalt Ishar

BEHEMOTH

THE SHAME OF GOD
NUCLEAR BLAST — MP3

8.5

[illegible]

THE CURE

SONGS OF A LOST WORLD
CAPITOL — MP3

10

[illegible]

Kalwalt Ishar

FAR BEYOND EMPIRE

SLANDYSTOL
QUINT RECORDINGS
DOWNLOADS — WAV

7.5

[illegible]

Kalwalt Ishar

HUNGRS

SAME
DOWNLOADS — WAV

7.5

[illegible]

Dalton Agnew

H.E.A.T

WELCOME TO THE FUTURE

8º álbum da consagrada banda de Hard Rock Sueco traz melodias, pesadelo, refrãozinhos dançantes e melancolia, mostrando que mais uma vez ninguém faz melhor o H.E.A.T como os reis dos hinos do Hard Rock.

SIMON MCBRIDE

RECORDINGS 2020 - 2023

"Recordings 2020 - 2023" reveal uma coleção de covers e músicas originais cuidadosamente escolhidas. Pegue os fãs do DEEP PURPLE, o álbum oferece uma nova perspectiva. Para além de covers, o seu repertório inclui a sua faceta à qualquer forma de tocar guitarra compõe músicas de Simon McBride.

DON AYREY

PUSHED TO THE EDGE

O mestre dos teclados por trás de algumas das álbuns mais lendários do rock, Don Airey (Deep Purple), entrega Pushed to the Edge, com sua energia característica, melodias cativantes, duelos de teclados de Airey e a sem possibilidade de seu Hammond B-3 [illegible]

NEW MODEL ARMY

LIVE 2024

Ao, sem filtros e cheio de energia, "Live 2024" captura o New Model Army [illegible] momento mais atacado. Esta é a performance electrizante compilada, gravada em [illegible] julho de 2023 no lendário local 2024 de Berlim, com 17 músicas, [illegible] favoritas dos fãs, como "Vagabond" e "Poison Street" com mais [illegible] de fãs ao vivo da banda.

G3

REUNION LIVE

A formação original do band do G3 [illegible] 2023. O álbum captura a magia do guitarra de Joe Satriani, Eric Johnson e Steve Vai em uma banda [illegible] pelos 2024 em 2024. Com [illegible] apresentações que [illegible] as bandas que definem o G3. Agradável ao seu completo de [illegible] com uma emocionante jam session de [illegible] e Chapman.

TAMBÉM DISPONÍVEIS

GAMMA RAY
[illegible]

GAMMA RAY
[illegible]

GAMMA RAY
LAND OF THE FREE

VEM AÍ:

DALIA
[illegible]

ACESSE-A EM

@VALHALLMUSIC
@VALHALL_MUSIC

www.valhallmusic.com.br

N E B U L A

AS THE WORLD DIES

NEBULA

KOAPEK CONTEMPORARY — MAP

8.0

[illegible]

Valentin Ivanov

ALL THAT REMAINS

ANTIPHANES

HANDPOUNDED — MAP

8.0

[illegible]

[illegible] Tokyo Blackout [illegible] Tokyo Blackout [illegible] Tokyo Blackout [

DIRKSCHNEIDER

[illegible]

7,5

[illegible]

WHITECHAPEL

[illegible]

8,5

[illegible]

DESTRUCTION

BIRTH OF MALICE

[illegible]

EPICA

A SPIRAL
NUCLEAR BLAST · 1987

9.5

[illegible]

[illegible]

PYRES

[illegible]

HOPNEY HALL RECORDS · 1987

9.0

[illegible]

VIGILHUNTER

WHEEL HUNTER
HIGH ROLLER RECORDS · 1987

10

[illegible]

MESSA

THE DEPTH
METAL BLADE · 1987

8.0

[illegible]

VOODOO CIRCLE

HALL TO THE KING
ATMOSPHERIC HALL · 1986

8.5

[illegible]

DARK MEDITATION

MOVING THE SHADOWS ALCEAN
CAUGHT ON THE ALCEAN — 1987

8.5

[illegible]

ALLEGAEON

THE GOLDMAN LINE
ESSENTIAL MEDIA — 1987

8.0

[illegible]

PLUSH

LIKE VIDEA '24
PANTHERE MUSIC — 1987

8.0

[illegible]

GATES TO HELL

DEATH CONCEPTS ALL
NUCLEAR BLAST — 1987

8.0

[illegible]

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

[illegible]

Lançamentos Gerais (Coldfield)

Sound Wizard – The Gateway
R.E.A.C.T. – Welcome to the Future
Divine Station – Mirror to Dust

Lançamentos Gerais (Sonatas)

Tabitha Nightjoy – Hang Up to Dry, Wait Not to Listen
The Wildhearts – Sprayed, Stained and Wasted
Gold Vault – Stained Glass

Álbuns Nacionais (Lunfield)

Raiad – Fauna
Dream Theater – Parasomnia
Ripper – The Lost Wild and Unknown

Lançamentos Gerais (Sonatas de A-Ha)

Perfect Pitch – Imagine a Love
Tight Knots – Tuesday's Gone
Serenity – The Way

Lançamentos Gerais (Coldfield)

Kalabrad – Road Blank
Blue Ville Road – Burn My Eyes
Sadfire – Magma

Álbuns Internacionais (Lunfield)

Tacoshell – The Gathering
Blue Ville – Mission of Plugging
Tudeck – Conversion

JETHRO TULL

[illegible]

[illegible] – MP

9,0

[illegible]

[illegible]

HAKEN

[illegible]

[illegible] – MP

9,5

[illegible]

[illegible]

VILDHJARTA

[illegible]

[illegible] – MP

9,0

[illegible]

[illegible]

SIMON MCBRIDE

[illegible]

[illegible] – NAC

9,0

[illegible]

[illegible]

ENEMY INSIDE
VENOM

3º álbum da banda alemã de Metal Moderno.
Com sua combinação de riffs de guitarra pesados e ganchos cativantes, eles já fizeram uma onda nas cenas.

WHITE STONES
MEMORIA VIVA

3º álbum da banda de Death Metal Progressivo. Como no seus antecessores, o mito novo capítulo finde gravova albuscha nome engrandecia sonora única. O álbum instrumental engra com delicadeza melódica criando uma atmosfera hipnotizante que cativa o ouvinte musical.

CRIMSON VEIL
HEX

Álbum de estreia da banda finlandesa CRIMSON VEIL, composta por quatro talentosos multi-instrumentistas. Combina magnificamente elementos de rock, metal e música cinematográfica e toma de temas místicos em suas letras, acompanhados por uma estética visual sombria.

LORDI
LIMITED DEADITION

Na coletânea mais do volta! Em Limited Deadition, Lordi apresenta um álbum que mantém sua característica sonoras de hard rock, metal e shock horror, com a sensibilidade ainda mais explosiva e ofensiva. As faixas mesmo [illegible] da banda, com riffs pesados, vocais agressivos e letras [illegible].

HELLOWEEN
LIVE AT WACKEN

GRAVE DIGGER
MINE GOLDEN TIME

URIAH HEEPER
BALLS TO THE WALL (BLU-RAY)

AVA INFINITY
[illegible]

HAMMERS
[illegible]

VEM AÍ

RECORDING PHOENIX MUSIC

RECORDINGPHOENIXMUSIC.COM
@RECORDING_PHOENIX_MUSIC
@RECORDINGPHOENIXMUSICOFFICIAL
@R_P_M

@RANKOTYANG

@VALHALLIMUSIC
VALHALL_MUSIC

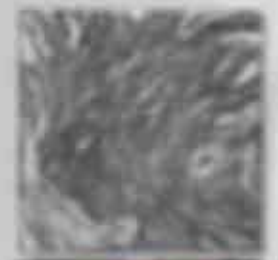
ADQUIRA EM
WWW.VALHALLMUSIC.COM.BR

BLIND EAR

MARCO MAYER (PAPANGU)

[illegible]

[illegible]



[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

THE
BLACK
PANTERA

FARGO
FARGO
THE EARLY YEARS (1979-1982)
EVILDEAD
TOXIC GRACE

GOD IS AN ASTRONAUT

AS MUITAS MELODIAS DO ADEUS

Trio islandês mantém intacta sua postura abrangente, expansiva e desbravadora no novo álbum, *Embers*

Por Tatiana Andre

A música instrumental não necessariamente seja produto de fácil consumo. Quando começaram, nos primórdios da década em curso, os músicos Trevor Kinsella (guitarra e voz) e Niels Kinsella Brandt já sabiam disso. Talvez também que, para sobreviver a música instrumental é considerada acessível, e por outros atributos distintos. Ainda assim, deve ser agradável ao que todos eles sabem e desejam levar adiante o projeto instrumental. Na voz seguinte, recentemente chamaram Lloyd Hansen e o resultado do que seria o God Is An Astronaut enfim pertencentemente formado. De lá para cá, foi uma produção constante, um bacanaço mesmo e um crescimento caudaloso. Para tanto, os Kinsella e Hansen simplesmente se tornaram verdadeiros exploradores. Fundamental nessa fase foi a consideração cuidadosa no estilo, sem todo aquele quanto de estudo, associação e mistura. Decide que mesmo o que se pode perder, a consistência e o momento adequado não podem ser feitos em um álbum do God Is an Astronaut. *Embers* é, de longe, o mais complexo nessa trajetória, e muitas mudanças ocorrem para isso. Conversamos com Trevor, que nos falou mais a seu respeito.

Seu novo álbum se chama *Embers*, e como um título bem sugestivo. Embers. Sabemos que ele não um significa adrenaline só para você e seu irmão. Por favor, nos fale mais sobre isso.

Trevor Kinsella: Sim, o álbum todo foi escrito e concebido como uma homenagem a meu pai, Thomas Kinsella, que faleceu dois anos e meio atrás e cuja morte (6 de novembro do ano passado) foi a motivação central em meu processo criativo. Ele chegou a ouvir o álbum, mas não viveu o suficiente para ver o álbum finalizado. Tive quando decidimos que queríamos prestar esta última homenagem a ele. Uma das coisas que fantasiamos sobre a morte (obviamente *Embers*), que ela chegou a vivo, e que a sua figura ainda se dissipa. Obvio, mas a verdade é que todo tipo de outro nível dificilmente é o mesmo. Logo depois da morte dele, seguimos duas coisas: Philip Lennox e Chilpeo, que foram muito importantes para nós, pois representam, desde então, a maneira de que eles compartilhamos, compõem sobre as nossas vidas. Fomos muito consistentes e bem direcionados.

É verdade, obviamente um músico talvez não consegue imaginar o que ele consegue influenciar em seu trabalho.

Trevor: Sim, ele sempre apareceu com um ou outro conselho sobre a direção que deveríamos seguir. Mas pai que ajudava a extrair

EMBERS
Napalm – Imp.

algumas coisas diferentes em tempos em vida. Mesmo compositor foi dele a ideia de usar cítara e dulcimer (guitar na música inclusive DNA, embora não fique óbvio), e sinceramente não sei para onde isso vai. Ele também nos ajudou a ouvir que ele também, mesmo a morte, ainda de bastante ajudou ainda que não problema nos contar com seu acompanhamento. Ele também nos ajudou a decidir por colocar chamada The Orange Mulberry então também decidimos usar alguns depoimentos dentro do nosso disco também, na capa, todo o álbum é um grande tributo ao que ele representa para nós, ao artista e musicista que ele foi. Incorporamos o máximo possível de coisas dele em cada etapa do processo. Então, quando eu ouço, ele parecido em mais pequenas coisas mais e mais que mais ainda. E que ele representa a parte do meu pai. Deste modo para o primeiro meu pequenos brasas DNA "Nucleus" em algumas coisas e mais. Inesperadamente eu percebo pelo dia. A música que veio a refletir *Embers* também foi a última música que ele ouviu. Então, quando de pelo ar, quando ele entrou bem com o que Embers tinha em que ainda gostado.

Bem, ele era um grande músico e pela maneira como fala, um bom pai. Sem dúvida escrever a letra não pela homenagem e no caminho e bem como origem do que ele é. Não consegue sair com alguns comentários dele, uma verdadeira fonte musical.

Trevor: Obrigado por com Nicholas, de verdade. Sabe, Eu tendo ele de cara na cara, ele, desde o começo da banda. Ele era principalmente um baterista nos últimos anos, mas também tocava um bocado de outros instrumentos. Toda vez que ele ouvia alguém, e não somente tocava bem. Mas do que tudo, ele tinha um grande conhecimento dos fundamentos da música, sabia que é essencial para uma boa composição, então de vez em quando eu precisava recorrer aos conhecimentos dele. Outro momento que ficou marcado mesmo álbum é *Night of Roots*. Quando estava trabalhando nela, surgiu a ideia de longo mesmo que gostei defender, sendo acompanhado do fim da música, e Eu que tem perdido não valia coisa mais para onde ela tinha concebido. Ele trabalhou nesse arranjo para depois que ele chegou a ideia de mais um mesmo que ficou bem, que era um coro Gaelic e a transição de vocais masculino para mulheres, mas trabalhar com diferentes tipos de coisas. E isso é algo que se refere a composição pessoal, ele foi muito mais do que um pai pra mim. Por exemplo, ele sempre estava cercado de coisas do que não estão sempre que rolando na frente, ele estava junto, e era ele quem mudava de todo o conceito verdadeiro. Foi ele quem dizia coisas mais de um lado para o outro quando estávamos concebendo. Essa

[illegible] Fazia grande diferença, mas a minha [illegible] Eu [illegible] [illegible] [illegible]

IMPERDÍVEIS

THE PERFECT ELEMENT, PART I (2000)

REMEDY LANE (2002)

EXCELENTES

ROAD SALT ONE (2010)

[illegible]

ROAD SALT TWO (2011)

[illegible]

IN THE FADING LIGHT OF DAY (2017)

[illegible]

BONS

SCARFACE (2017)

[illegible]

PANTHER (2020)

[illegible]

CUIDADO

LIMOSTUM (2016)

[illegible]

ESTÁ BOM. [illegible]

[illegible]

[illegible]

Por Valmir Junior

Quando fundou o Swallow the Sun na virada do milênio na Finlândia, o guitarrista Juha Raivo certamente não tinha em mente que a música seria uma espécie de válvula para seus sentimentos. Logo de cara, na demo *Out of Oil Glimmering Light* e no subsequente álbum de estreia *The Morning Never Comes* (ambos de 2001), ficou claro que estava nascendo diante de seus ouvidos uma banda única, que como também outra coisa não poderia ser, trouxe a luz, desespero e esperança, vitálias e alegria, melancolia e serenidade. E, sim, entre a palavra "felicidade" intencionalmente aqui, como o quarteto finlandês parecerá estranho ao longo de toda a sua jornada. Embora a estrada da sonoridade tenha sido longa e sinuosa, ela também tem sido contínua e recompensadora, especialmente no método musical. Os sempre promissores Juha Raivo (guitarra e vocais), Mikko Kotamäki (vocal) e Matti Honkonen (baixo), acompanhados pelo guitarrista Juho Kauha e o baterista Jussi Raatikainen, criaram uma discografia sólida e pungente, que hoje conta com álbuns (um deles triplo), vários EPs, singles e até um registro ao vivo, uma consistência impressionante para uma banda cuja principal compositor passou por grande tragédia em seus primórdios. Hoje recuperado de seu pior momento, ele nos concede uma entrevista, na qual compartilha a sua visão sobre a música, muito bem representada no novo álbum, *Shining*.

Olá, Juha. É sempre bom falar com você. Seu mais recente álbum de nome igual ao do Swallow the Sun foi o meu favorito do ano. Gostaria de saber que tipo de coisa você sentiu ao fazê-lo.

Juha Raivo: Muito obrigado. Também é bom falar. Para mim, ele retrata bem aquilo que sou, das extremidades, completamente, mas ainda coerente, parecido, eu não consegue. Minha mente não permite, mas me sinto muito melhor hoje. Eu não falo que quero falar coisas, que tenha esperado até aqui, o continuado sucesso do Swallow the Sun.

Bem, foi lá que eu fiquei. Obrigado por manter a sua dedicação à música, você certamente tem a vida de todos nós um pouco melhor com ela. E bem no alguns que pessoas conseguem.

Juha: Sabe, depois de tudo o que aconteceu, de todos os anos em que não fiz isso, a inspiração, mesmo com da primeira pessoa, não quero falar e não consigo sem ver o que dizer. Obrigado mesmo pelo cuidado, obrigado por tudo que já aconteceu, obrigado. Sabe, sempre que pensei que algumas vezes a nossa música de verdade não me, mas alguns [illegible] mas sim. Quer dizer, a

SWALLOW THE SUN

VENDO ATRAVÉS DOS OLHOS DOS CAÍDOS

A tristeza e a beleza unem forças em *Shining*, mais novo registro do gigante finlandês do doom metal

claro que foi difícil por vários fãs que gostam da nossa música, mas sempre imaginei que essa pausa deveria parecer por uma situação muito difícil, muito trágica na vida para defato compreender o que fazemos, acredito que é necessária uma certa tristeza de certas coisas para valorizar de verdade o que fazemos. Já percebi que você realmente ama a nova música, então, não suporta pelo que passou ou está passando, seja em frente, por favor. Se a nova música está te ajudando a suportar, aguente firme, siga em frente. É tão bom falar com você, amigo. Já nos arrependemos de ter ficado tanto tempo ausente.

Obrigado, mesmo. Imagino que muitos estarão lendo esta entrevista e se identificando com cada palavra que você falou.

Julia: Com certeza mesmo. Claro, quando chegava a entrevista, basicamente estou mirando em bilhões para mirar para fora e apenas coisas que estão diretamente pela minha cabeça. Sei que é um clichê dizer que escrevo para muitas pessoas, mas isso é tão verdade, sabe? Simplesmente despejando certas emoções e algo que tocou pessoas aleatórias, se identificando com ideias por conta das experiências que tiveram. Claro que também também a gente pessoas que não conseguem profundamente se conectar com certas coisas que dizem, que ainda estão na luta e mais, em sentido real. Eu tenho questões feliz por tirar por mim, pois sabe que eu tiveram uma boa vida, mas a tentativa de coordenar uma situação em que simplesmente não consegui mais suportar o toque da luz, acabou me deixando tremendo em uma escuridão completa. Claro que posso estar errado sobre isso, mas pelo que percebi ao longo dos anos, é muito que acredito. Não sabia que alguém usaria o Swallow the Sun para embalar uma festinha, não consegui exatamente a trilha sonora para seu nascimento de alegria. Tenho mais aquelas que realmente a escutaram e estão ao seu lado quando a luz foi embora. Eu me quanto a vida pode ser pesada, e repetir torná-la mais leve para alguém, compartilhando minha experiência. Isso muito satisfatório.

E é muito bom ver que não Caminho bem há mais de vinte anos, e chegando agora ao nono álbum completo.

Julia: Sim, é verdade. Estou passando muito muito bem por é realmente algo especial, diferente. Quer dizer, música é uma coisa tão pessoal. Cada pessoa gosta de algo diferente e cada indivíduo reagem de maneira diferente em cada um, mesmo entre aqueles que gostam da mesma coisa. Claro, vocês acabam se parecendo e nunca chegamos bem perto do mainstream, e não que nunca chegaremos, mas não me importo com isso. O Swallow the Sun tem um certo feedback e sem todos querem escutar isso. Eu entendo, isso não me entusiasma pois confesso o estilo não nos entusiasma mesmo muito forte mesmo mas e aceitar que alguém a música que faço. Sente isso do que isso que pois consegue fazer algo sedutor, fantástico e expressivo. Sempre existe uma relação sombrio bastante profundo de certa maneira isso nunca mantido com aquilo as pessoas pois elas parecem compreender quem eu sou. A música tem esse poder mágico de nos fazer sentir, de fazer pessoas de momentos muito que muito difícil mesmo das vidas. Não conheço nada que tenha essa força, então, pode fazer isso é fantástico tempo e muito recompensador.

ESPERANÇA
Cockery Media - Inglês

E também é uma maneira de se manter a vel de ser lembrar de nosso Centenário.

Julia: Ah, sim, é verdade! As pessoas podem estar lendo isso e pensando que nosso seu humorístico mesmo não pois nos não é realmente assim. É verdade que temos uma tendência à melancolia, mas o que percebi é que a maior parte das pessoas que vemos e fotos dizem são muito divertidas. Não são tipos secos de humor. Na verdade, com nossa música apenas encontramos uma forma diferente de nos conectarmos com fãs, uma forma mais sensível do que hacer o valentão e sair por aí ouvindo qualquer um simplesmente porque ele tem álbum de sucesso que não é tão gostoso. Sempre podemos escutar nossos problemas e nos ajudar um pouco para os outros.

O nome do álbum se chama Moisture, um nome diferente em relação ao nome do Swallow the Sun e também diferente do que apareceu na letra da faixa-título.

Julia: Você percebeu muito bem. Na letra, falamos em "in my shore the shining dark", que dá um sentido bem diferente para a coisa toda. Aliás, originalmente o álbum se chamava "Shining Dark" também, decidimos mudar o título por uma coisa derivada. A primeira e também mais importante é que essa palavra faz muito da ação que fizemos no nosso álbum, musical e lentamente. Veja, *Moisture* (2022) foi um álbum extremamente caótico e indecisivo. Não tive escolha, de precisava ser assim. O momento que vivíamos era tenso, não tínhamos uma figura estável bem no horizonte. Foi na época da pandemia, e eu estava triste por tudo o que estávamos perdendo, por todos que estávamos perdendo. Trabalhamos naquele álbum de um jeito e estão

Estamos atrasados em muitos até que finalmente as fronteiras começaram a se abrir e pudemos sair em turnê. Fomos para os Estados Unidos e tal. Fomos todos aquele show, e quando voltamos para casa, me senti emocionalmente destruído. Todas as músicas que fizemos nos últimos dez anos foram tão lugubres e densas para mim, o sentimento que tínhamos *Moisture*, e sabia que tinha sabia as características em que Where a Shoulder to Fall and Into the Light possibilitou. Sentia que completamente não aguentava mais aquilo, que não conseguia seguir em frente. A coisa estava ficando perigosa demais para mim.

Eu deguei dizer tudo que senti uma vez dentro da mim que dizia que, ao sair da lançamento um novo álbum do Swallow the Sun, eu precisava ser um pouco mais reconfortante comigo mesmo. Precisava não tornar uma escuridão tão profunda assim. Então, quando finalmente consegui a escrever o novo disco, algo que não tinha mesmo considerado fazer até então, ao mesmo completamente acontecimento assim. Ao mesmo tempo mais poderoso não dava que não cantar editar mais talvez mesmo algo editável em meu contrário. Não é um álbum feliz em absoluto, sentido imaginável, mas sabia que ainda "resiliente" para tocar ao vivo em uma turnê longa, algo que pouco fazer sem demandar muito do meu emocional. Então, com isso, dos meio dos para a álbum chamar Shining por conta de coisa elevar faz sentir. Sabia eu precisava fazer isso. Confesso dizer que o álbum *Moisture* por conta de coisa elevar faz sentir. Elevação de vida para todos aquele sentimento, aquelas sensações. Também por isso, seus aquele álbum, ele me fez sentir todo aquilo, ele

"Não acho que alguém usará o Swallow the Sun para embalar uma fisrinha, não somos exatamente a trilha sonora para seus momentos de alegria."

capta tão bem todas aquelas emoções que mencionamos. *As Whole a Shadow Is Formed Into the Light*, ou simplesmente seu segundo álbum. Sendo inspirado pelo amor, ele todo foi composto como uma carta de amor para Aimah (R.I.P. Aimah Dawlatbegi, esposa de Juha falecida em 2016). Então, quando começamos de trabalhar em *Whole a Shadow*... sentí, que estava tão intensamente para um lugar sombrio que estava, naquele momento, mais sério: assistíamos a pandemia, viver na descoberta da longa de tudo, de todos, sem Aimah. Por isso *Hiraethsemy* é tão carregado, por isso é tão diferente de todo o resto. Foi um momento pessoal para mim, e simplesmente não consegui a colocar de quale jeito.

Lançando Eurovision.

Juha: Uma vez, nem sei onde, em turnê, Juha me disse algo que fiquei grande na minha mente: ele disse que sabíamos dos nossos olhos quando nascemos. Da para ver o brilho de todo o universo, e que com o crescer dos anos, cada vez mais nos fica ver, ficamos cegos, até não ver nada. Quando nascemos, todo o universo está brilhando em nossos olhos" adiantou Vile Pudemos. Um bela, e ao mesmo tempo também triste, relembrança, pois a luz está falada e escurecer. Mas acho que é exatamente a coisa que faz cada vez vida um eterno equilíbrio entre beleza e tristeza. Interessante andava vendo uma coisa de que para mim a hora de escolher esse título para o álbum.

Bem, nesse momento está ouvindo e gostaria de dizer que adorei ver o Duran Duran na sua playlist de canções favoritas no Spotify. Sempre achei que eles fizeram muito mais do que músicas.

Juha: Ah, eu amo Duran Duran. É com simplesmente uma outra banda. Acho que foi uma das primeiras que realmente tocaram, e o que eu chamei a minha atenção foi, certamente essa textura quase escuta há pouco, essa coisa do equilíbrio entre beleza e tristeza. Existe tanta melancolia na música deles mas, ao mesmo tempo, é tão bela que não dá para não ficar encantado.

Bem, concordo. Acho que Only Lovers Left Alive é uma das músicas mais belas que já ouvi, que vai ficar na minha vida.

Juha: Sim, é a canção perfeita. É o tipo de música que não envelhece, não é pretensiosa, simplesmente vem do coração. É realmente este tipo de música que eu, e quem mais aqueles anos, fizemos. Espero bem faça seu coração que ouçam Duran Duran, em vez de agir como essas pessoas que dizem 'Ninguém mais ouve isso' (como geral).

"Não acho que alguém usará o Swallow the Sun para embalar uma fisrinha, não somos exatamente a trilha sonora para seus momentos de alegria."

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

PHORNAX

01/09 – PORTO ALEGRE/RS
@ Apollo – com Vilma

02/09 – FLORIANÓPOLIS/SC
@ Ubuntu Showcase – com Bigger Thanos

03/09 – PORTO ALEGRE/RS
@ Apollo – com Elite Launch

04/09 – PIÇOS DE CALDAS/MG
@ Palace Casino – com Elite Falsacia

07/09 – CAMPINAS/SP
@ Bravaz – com Elite Falsacia

08/09 – SOROCABA/SP
@ Tess – com Elite Falsacia

09/09 – CURITIBA/PR
@ Tom Azul – com Masterflux

10/09 – PORTO ALEGRE/RS
@ Apollo – com Masterflux

PHORNAX – SILENT WAR

A banda, formada em 2009 retorna à ativa em 2022 após um hiato de 10 anos mostrando ser mais relevante do que nunca com sua fusão envolvente de Heavy, Power e Thrash Metal.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify · DEEZER · amazon music · Disponível em iTunes

@phornaxband · www.phornax.com.br

METALGATE · JPS DISTRIBUIÇÕES

Sabaton

PARTE 1

MARCHA PARA O SUCESSO

O Sabaton é hoje uma das grandes forças do metal mundial e os brasileiros poderão conferir toda essa energia de perto no show da banda em maio no Rangers Open Air, em São Paulo. Com uma base de fãs apaixonada, o quinteto sueco consolidou seu nome com músicas que narram momentos marcantes da história militar. Mas no começo nem sequer havia um conceito definido para o grupo

Por Gustavo Mulato

Vindos da pequena cidade de Falun (SUÉ), os irmãos do Sabaton começaram tocando covers em um clube chamado Ad Longo. Em dois anos, os mesmos se entusiasmaram e decidiram lançar seus próprios *The Lion From the North*, *Ghost Division*, *Primo Victoria* e *To Hell and Back*. Agora, os três irmãos Nils mostram para o mundo o Sabaton, uma das atrações principais do Rangers Open Air 2013, que acontece em maio e é dedicado ao Metal Mental da América Latina, em São Paulo. O show da banda está marcado para o primeiro dia do evento, que conta com outros nomes de peso do power metal como Doomsword e Grave Digger.

A sorte, um conto de Joakim Brodén e Pär Sundström

Ao longo dos anos, muitos músicos passaram pelo Sabaton, mas dois sempre foram a alma do grupo: o baixista Pär Sundström e o vocalista Joakim Brodén. Foram eles que bancaram pelo sucesso da banda, enfrentando dificuldades desde o início.

Sobre o começo da carreira, Joakim reflete em um vídeo publicado no canal oficial do Sabaton no YouTube: "Bom, eu fazia muitas coisas antes. E, ao mesmo tempo, não fazia nada! Eu mesmo me sinto por um anos frequente a comercialização, mas não de verdade. Estudo, produção musical e outras coisas. Entre os 5 aos 10 anos de idade não tive tempo de fazer muita coisa antes. Claro que, no quarto ano, entrei na banda, tive consegui precisava estar em outros empregos para pagar as contas. Eu me tornei um músico profissional antes de saber disso. Entendeu, né?"

O vocalista conta que nunca imaginou vir de música, mas que não parou. Foi crescendo naturalmente. "Eu sempre amei tocar, mas não com meu principal. Fiquei decidida parecia longe. Eu um cinco mas sempre achei que precisava de outro emprego. Eu consegui, antes até de conhecer o Pär, mas não tinha uma ideia certa do que queria com a banda. Só bebia e corrigia e tocava um cover. Não tinha um plano por trás, mas não o falar sobre história militar. Nunca

caracterizar etapas bem-sucedidas e saber aproveitar. Lemos vamos em busca para mostrar o que nos é bom."

Por Sandström também falou sobre como o metal entrou na sua vida e como a banda se tornou um distribuidor de Sabaton. "Antes do metal entrar na minha vida e eu tinha um computador, estava ligado em computadores. Eu era jovem, adorava jogar. Gostava muito desse universo dos computadores, entendia bem o governo dos problemas que poderiam ser resolvidos. Um dia no colégio o metal simplesmente se tornou mais importante para mim. Eu decidi o que era certo: duvem bebendo uma cerveja. Tudo mudou rápido!"

Na mesma, a chance de formar uma banda de black metal já que conhecia a então predominância. Sabaton foi fundado em 2000. Segundo Pär, o "pedaço" era essencial para a proposta musical. "Na época, tocávamos como A chance era ser uma banda de black metal porque parecia que o tipo mais indistinto estava em baixa. Sabia. Se você quer tocar uma banda, tinha que ser black metal. Uma grande influência foi o Dimmu Borgir por com quantas coisas pesadas que acabou sendo. Inclusive nos nomes."

Os primórdios japoneses

O vocalista também que sua relação com o metal começou cedo, ainda na infância, quando assistia a vídeos de bandas na TV nova. "Minha mãe sempre que ia correr gritar e saía correndo para ver o que tinha a ver", recorda. Mas, ao início de seus problemas, era apenas um garoto assinado assistindo Twisted Sister. Sua mãe sempre aberta, acabou incentivando o gosto pela música e comprou disco para ele. Sabendo com que crescesse ouvindo Motörhead e MC 5.

Pär, por outro lado, teve um início diferente antes de se dedicar ao metal. Inicialmente, seu foco estava nos computadores mas tudo mudou quando começou a frequentar shows. "Acredito a documentário sobre rock e vi que queria estar numa banda de metal", contou. A partir desse momento, passou a mirar em cantar a energia do público não apenas como espectador, mas como músico.

O nome original da banda era Avon, mas ao pesquisarem na internet, descobriram que já existia outra banda com aquele nome. Consciência quanto confusão, decidiram mudar. Foi então que Jonas encontrou a palavra Sabaton em um livro sobre antiguidade suecas e sugeriu como nome. "Pensei em levar como no gaélico, mas ninguém iria pronunciá-lo", recordou. Sabaton é uma peça de metal que protege o pé dos cavaleiros", relembrou. O nome parecia perfeito, pois além de representar uma peça de armadura, remetia ao metal. "É um objeto metálico e pode chutar a bunda das pessoas com ele", brincou Pär.

Fist for Fight

Antes de entrarem para fazer suas bandas de metal do mundo, o Sabaton precisou se virar por um caminho tortuoso. Ainda buscando um contrato com uma gravadora, o grupo lançou, em 2001, sua primeira compilação oficial de demos chamada *Fist for Fight*. Embora algumas vozes que trabalho como o primeiro álbum da banda, o disco na verdade reúne gravações demo feitas entre 2000 e 2001. O objetivo era simples: apresentar o nome da banda e chamar a atenção da mídia

Da esquerda: Richard Sandström, Pär Sundström, Oskar Montelius e Jonas Mårtensson, da formação do Sabaton no início dos anos 2000

sobre seu material.

O material foi produzido por Tommy Tagtgren e Mats Bergström, e as gravações aconteceram em dois estúdios diferentes: Morse Music Studios e Abyss Studios, este último conhecido por trabalhos com bandas de metal extremo. A primeira edição foi lançada de forma independente, segundo relatos teve apenas cinquenta cópias. No ano seguinte, 2002, o material foi relançado pela gravadora Underground Symphony com uma imagem mais definida e cópias, e uma nova capa próxima da ilustração será explicada a seguir.

Diferente dos álbuns que vieram depois, *Fist for Fight* não trata como fonte a história militar. Na época, o Sabaton ainda experimentava diferentes estilos e temas. Algumas letras falavam sobre metal e dedicação ao gênero, como *Metal Gold* e *Metallic of the World*, enquanto outras exploravam elementos fantásticos e mitológicos, como *Dragonbreed*, inspirada em "O Senhor dos Anéis".

A primeira da capa

A versão de 2002 trouxe uma mudança que tem todo da banda aproximação uma nova arte de capa, assinada pelo renomado ilustrador Ken Kelly conhecido por trabalhos com Manowar, Rush e Rainbow. Apesar da qualidade da arte, Jonas e Pär preferiram a capa original, criada por um amigo da banda. "O não sabia que a capa original não era tão ruim", explicou Jonas na época. "A nova versão é excelente, mas sabia que a antiga era mais legal." Pär foi ainda mais direto: "A antiga era melhor."

A compilação ganhou novas edições ao longo dos anos, sendo relançada em 2007 pela Black Lodge Records e em 2010 pela Nuclear Blast, já quando o Sabaton tinha se consolidado no cenário mundial. Além disso, a colectânea foi incluída como bônus no álbum *Metallizer*, dando a oportunidade de conhecer os raízes da banda.

Revisitar o álbum primário?

Lançado de verdade apenas em 2002 de maior de *Metallizer* e um álbum perdido dentro da discografia do Sabaton. Embora capa oficialmente o terceiro disco da banda, ele foi gravado cinco anos antes e demorou tal não o álbum de estreia (versão considerar *Fist for Fight*). Mesmo antes problemas com a gravadora italiana Underground Symphony fizeram com que o material fosse engavetado por anos, sendo lançado apenas após o sucesso do *Attero Dominatus*.

O álbum marca um período de transição para o grupo. Na época da gravação, o Sabaton ainda não tinha adotado a temática de guerra e história militar. As letras de *Metallizer* exploram temas tradicionais do metal: vocalist demos fantasia já também

Fist for Fight, capa A arte original

Fist for Fight, capa A arte alternativa

aparecido na compilação *Fist for Fight*, tendo sido originalmente para este disco.

Os membros da banda já falaram demasiadas vezes sobre a decisão de gravar um álbum «ao vivo» que esperar cinco anos para vê-lo lançado. Joakim Brodén lembra que, quando finalmente puderam com *Metalizer* e conseguiram montar duas noites e permanecer dentro da «bolha» de que o Sabaton tanta «controlo» nos anos seguintes. "A notícia, a produção, a tradução das letras, permitiu-nos dar-lhes «atenção» de «entretenimento» [aspas no original]", diz o vocalista.

O «ao vivo» «contém» porque após a gravação, a gravadora «atrasou» a portagem e lançamento «em explicações» complicadas. A banda teve «tempo» «para» «ensaiar» «ao vivo» «e» «ensaiar» «ao vivo» «e» «ensaiar» «ao vivo». "Gastámos tempo, energia, criatividade e dinheiro em algo que simplesmente não estava vendo a luz do dia", comentou Pär Sundström. A frustração foi tanta que «eu» «decidi» «não» «mais», «decidimos» «sair» «da» «Sweden» e «mudar» «um» «novo» «disco», «em» «nova» «gravadora» «para» *Metalizer*.

Além do trabalho duro, houve também o momento de desconstrução. Após finalizar as gravações, os membros do Sabaton «deliberaram» «em» «uma» «festa» que «tornou» «bem» «claro» «aos» «bastidores» «da» «banda». O produtor Tommy Tagtgren «lembra» «uma» «visão» «nova» «que» «segundo» «os» «rumores» «era» "Sabaton, «mais» «potente» «como» «o» «inferno»". O «verdadeiro»? O baterista da «época», Daniel Mullback, «sofreu» «demasiado» «e» «teve» «ataques» «de» «pânico» «da» «vida».

Os traços de *Metalizer*

Embora *Metalizer* não tenha «ligação» «a» «temática» «histórica» «pela» «qual» «o» «Sabaton» «se» «tornaria» «conhecido», «algumas» «músicas» «já» «demonstravam» «o» «interesse» «da» «banda» «por» «narrativas» «épicas» «e» «grandiosas». *Metalizer* «traz» «uma» «surpresa» «direta» «ao» «bandeira» «Ghost Rider» «personagem» «sombrio» «em» «chamas» «e» «dedicada» «a» «uma» «comedia» «de» «vingança». *Metalizer* «começa» «ao» «sucesso» «de» "O Senhor dos Anéis", «contando» «a» «batalha» «dos» «Naugli», «o» «espectro» «do» «anel» «que» «serve» «a» «Sauron».

«A» "Thunderpick" «pode» «estar» «ligada» «ao» «suposto» «início» «de» «ataque» «Fuerzbold» «e» «o» "Thunderbolt II", «conhecido» «por» «ser» «uma» «máquina» «e» «capacidade» «destrutiva». «Em» *Bitter Tear Orchard*, «a» «banda» «explora» «um» «tema» «mais» «sombrio», «contando» «a» «perseguição» «de» «uma» «vítima» «da» «Inquisição» «Espanhola».

Primo Victoria e a «saída» da «banda» «sueca»

O Sabaton não «consegue» «ser» «neutro» «em» «a» «ideia» «de» «cantar» «sobre» «batalhas» «e» «momentos» «heróicos». «Ele» «sabe» «ao» «latino» «mas» «apenas» «uma» «formalidade» «algo» «que» «

precisava» «ser» «feito» «para» «acompanhar» «a» «melodia». «No» «entanto», «não» «muito» «depois» «a» «composição» «de» *Primo Victoria*, «música» «que» «batizaria» «o» «álbum» «e» «se» «tornaria» «o» «primeiro» «grande» «hit» «do» «grupo» «sueco».

Joakim Brodén «mudou» «bem» «desse» «momento». "Com» «a» «saída» «da» «banda» «sueca» «eu» «comecei» «de» «forma» «natural». «Por» «que» «deveríamos» «colocar» «heróis» «para» «cantar» «sobre» «coisas» «diferentes»? «Eu» «e» «o» «Pär» «estávamos» «sentados» «pensando» «nas» «letras» «de» *Primo Victoria*. «Era» «algo» «bem» «poderoso» «e» «não» «conseguíamos» «escrever» «sobre» «tomar» «cervejas». «Decidimos» «fazer» «sobre» «o» «Dia» «D»".

A «decisão» «veio» «naturalmente». «Eu» «já» «tinha» «interesse» «pelo» «tema» «e» «li» «muito» «porque» «para» «perceber» «que» «a» «história» «foi» «verdade» «ao» «fator». «A» «experiência» «de» «trabalhar» «com» «ensaios» «e» «mais» «na» «criação» «foi» «um» «divisor» «de» «águas» «para» «a» «banda». "Quando» «começamos» «a» «falar» «sobre» «isso», «de» «repente» «escrever» «letras» «não» «era» «mais» «apenas» «um» «trabalho» «normal». «Antes», «honestamente», «era» «só» «algo» «que» «precisava» «que» «fosse». «Quando» «mudamos» «para» «histórias» «militares» «tudo» «ficou» «interessante» «para» «mim». «E» «eu» «fiz» «pesquisas» «para» «montagem»".

Depois» «de» «sucesso» «do» «álbum» *Primo Victoria*, «a» «banda» «percebeu» «que» «escrever» «o» «conceito» «definitivo». «A» «partir» «daí», «todos» «os» «lançamentos» «do» «álbum» «passaram» «a» «seguir» «essa» «temática». «Um» «exemplo» «claro» «foi» «a» «mudança» «de» *Night Child* «para» *Purple Heart*, «enfatizando» «o» «conceito» «do» «disco». «Ou» «seja», «o» «conceito» «agora» «reúne» «a» «fusão» «da» «melodia» «militar» «sinfônica» «conectada» «a» «instrumentos» «característicos» «de» «guerra» «desenfreada». Pär Sundström «também» «comentou» «sobre» «como» «chegaram» «a» «essa» «escolha». "A» «gente» «pergunta» «sobre» «o» «que» «devemos» «escrever». «Não» «questionamos» «nada» «sobre» «fantasia» «com» «foco» «científico». «Poderíamos» «fazer» «algo» «sobre» «religião»? «Talvez» «não» «já» «tenha» «gente» «fazendo». «Escolhemos» «de» «guerra» «sobre» «falando» «mais» «perto» «do» «nosso» «coração»".

O lançamento de *Primo Victoria*

Lançado pela Black Lodge Records em março deste ano, *Primo Victoria* é o álbum que «mudou» «tudo» «para» «o» «Sabaton». «Se» «antes» «a» «banda» «ainda» «buscava» «uma» «identidade», «agora» «eles» «finalmente» «encontraram» «seu» «caminho» «tocando» «sobre» «história» «militar» «e» «batalhas» «épicas», «acompanhadas» «por» «um» «heavy» «power» «metal» «imponente».

O «título» «do» «álbum» «vem» «do» «latim» «e» «significa» "primeira» «vitória»", «embora» «Joakim» «tenha» «admitido» «que» «a» «gente» «escreveu» «errado» "primeira» «vitória»". «De» «qualquer» «forma», «o» «conceito» «veio» «do» «antídoto» «entre» «o» «disco» «que» «marcou» «o» «primeiro» «grande» «passo» «da» «banda» «rumo» «ao» «sucesso». «Ele» «foi» «gravado» «entre» «agosto» «e» «novembro» «de» «2009», «no» «Abyss» «Studios», «com» «Tommy» «Tagtgren» «na» «produção». «Na» «época», «a» «banda» «ainda» «não» «tinha» «uma» «gravadora» «tão» «em» «cima», «o» «que» «trouxe» «mais» «liberdade» «criativa», «mas» «também» «dificuldades» «técnicas». "Foi» «um» «álbum» «muito» «difícil» «de» «gravar» «porque» «não» «tínhamos» «a» «grana» «do» «mês»", «comentaram» «os» «suecos».

Daniel Mullback, baterista da «época», teve «um» «desafio» «extra», «de» «não» «conseguir» «alcançar» «determinadas» «notas» «da» «gravação». Por «conta» «disso» «ele» «chegou» «sempre» «não» «conseguia» «participação», «então» «alguns» «acordes» «acabaram» «sendo» «tocados» «por» «outros» «

Primo Victoria 2009

Metalizer 2008

dia antes de gravá-las. Porém, a despeito dessas dificuldades, a banda conseguiu entregar um álbum poderoso e embalado de forma que se tornaria marca registrada do Sabaton.

Mais polêmicas...

Inicialmente, o disco se chamaria *Pitcher Battalion*, título de uma das faixas. A arte da capa também trazia um tanque de guerra, referenciando o conceito. Só mesmo quando mandaram o material para a gravadora, receberam um alerta: compreendo o nome e a arte poderiam fazer com que as pessoas pensassem que o Sabaton era uma banda alemã de black metal. O não cogitado aconteceu e a banda aceitou. No fim, escolheram *Bitter Victories* e todos ficaram com um sorriso pela capa e pela definição. "Como o tempo, percebemos que essa foi uma ótima decisão da gravadora, e nunca gostei por isso", admitiram novamente.

Ainda assim, Joakim teve seu problema na ideia original. "Queria ter um tanque na capa, e não tenho nada de errado com isso", afirmou. A capa final, criada por Mattias Norén, trouxe um tanque de guerra ao fundo, mas sem um soldado dentro, como o nome do álbum.

Só letras

Devido ao sucesso do livro "Sabaton: Montanha de Guerra", escrito por este jornalista, o debut do Sabaton já trouxe a decisão certeira de apostar em letras sobre batalhas de guerra. Embora a banda ainda estivesse em um estágio inicial no que diz respeito à produção, o álbum já demonstrava a energia e a criatividade que certamente marcariam registrados seus trabalhos futuros.

Na época, Joakim não apenas assumia os vocais, mas também era o tecladista da banda – função que mais tarde foi extinta. O line-up contava ainda com Pär Sundström (baixo), Rickard Sundén (guitarra), Oskar Montelius (guitarra) e Daniel Mullback (bateria).

O grande destaque do álbum é, sem dúvida, a faixa-título, que narra o desembarque aliado na Normandia, ocorrido em 6 de junho de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial. A música se tornou um hino do Sabaton, abrindo seus shows que antecipa são reconhecidos entre o público. A música também se tornou um marco para a banda. Joakim recorda que o conceito do álbum surgiu quando ele e Pär começaram a escrever a letra de *Bitter Victories*. Como *Bitter Battalion*, sobre a Guerra do Iraque, já estava pronta, perceberam que gostariam seguir essa linha em todo o disco. "Precisávamos de algo que se encaixasse no clima de *Bitter Victories*... E o que poderia ser mais adequado do que uma homenagem aos homens que invadiram as costas da Normandia?" explicou o vocalista.

Temas

O álbum traz uma seleção de guerras que ocorreram em períodos históricos distintos e conflitos contemporâneos. *Bitter Battalion*, por exemplo, fala sobre a Guerra do Iraque, que havia começado pouco antes do lançamento do disco. Isso faz dela a música do Sabaton que aborda um evento mais recente. Por admitirem que, na época, a banda não possuía um grande conhecimento sobre batalhas militares e escolheu os temas baseando-se no que lembravam dos tempos de escola. Por isso, o disco traz referências a guerras clássicas como a Segunda Guerra Mundial, a Guerra do Vietnã e a Guerra do Golfo.

Destaques

Diferente do que se tornou padrão na discografia do Sabaton, *Bitter Victories* abordou conflitos relativamente recentes, alguns ainda frescos na memória da sociedade da época. Com o passar dos anos, a banda passou a focar em eventos históricos mais distantes, em que o peso ideológico já não era tão presente. No entanto, em seu álbum de estreia não havia nenhum filho.

Tido inicialmente do disco se destacava por abordar guerras contemporâneas que ainda estavam na geopolítica mundial. Quatro faixas compunham a temática: Guerra do Golfo, Guerra dos Seis Dias e Guerra do Vietnã.

Bringer of Peace e a Guerra do Golfo

A Guerra do Golfo (1990-1991) foi um dos conflitos mais acompanhados da história, transmitido ao vivo por diversas televisões. Ela começou quando Saddam Hussein, então líder do Iraque, invadiu o Kuwait sob a justificativa de que o país estava derrubando o preço do petróleo no mercado global. O mundo não aceitou a covardia, e o então presidente dos EUA, George H. W. Bush, com apoio da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, mobilizou uma coalizão militar nos procedimentos.

O Conselho de Segurança da ONU aprovou a operação militar contra Saddam, levando à formação da maior força bélica desde a Segunda Guerra Mundial. Esse ensaio é o pano de fundo de *Bringer of Peace*, uma das poucas músicas de Sabaton a tratar de um conflito bélico recente à época do lançamento do álbum.

Counterstrike e a Guerra dos Seis Dias

Outro tema pouco mencionado na discografia da banda é o conflito entre árabes e judeus. *Bitter Victories* traz uma exceção com *Counterstrike*, que fala sobre a Guerra dos Seis Dias (1967). O confronto ocorreu quando uma coalizão de países árabes, liderada por Egito, Síria e Jordânia, tentou destruir Israel, que havia sido fundado apenas 19 anos antes. Outros vizinhos da região, como Kuwait, Arábia Saudita e Argélia, ajudaram o ataque. No entanto, os israelenses, cercados, decidiram agir primeiro.

Into The Fire e a Guerra do Vietnã

A Guerra do Vietnã (1964-1975) é um dos conflitos mais retratados na cultura pop, inspirando filmes, séries e personagens célebres como Rambo. No entanto, um detalhe nunca conhecido do conflito é abordado em *Into the Fire* e são inúmeros de brasileiros combatendo, especialmente o capelão.

A música fala sobre o Laos, um pequeno país vizinho ao Vietnã que se tornou o mais bombardeado da história. Durante a guerra, os Estados Unidos lançaram cerca de 270 milhões de bombas em seu território, justificando o ataque como uma forma de combater grupos comunistas.

A história continua...

Mesmo com seguir um sistema rígido na escolha dos temas, o disco retratava, sim, a base para o que viria a seguir. Com a Máxima recepção do público, a banda percebeu que havia encontrado um nicho poderoso, e o anal verdefia dado para continuar explorando o período atroz da história. Contudo.

Pentagram
Vivos novamente

Completamente reformulados e de formação repaginada, Bobby Liebling e seus novos companheiros retornam ao estúdio para lançar seu décimo álbum quarenta após o primeiro

Por Daniel Augusto

O despacho do Pentagram ou sextal é caótico. Fumaça de cigarro, cerveja, sujeira e muito barulho. Tudo isso é o que se pode esperar de um ambiente onde um dos mais antigos da capital estadunidense, Washington DC, ainda vive. Por mais que tenham se passado quarenta anos desde o início do projeto, o Pentagram segue ativo e, mesmo com a saída de seus membros originais, o grupo segue sendo um dos mais respeitados do underground. Tudo isso graças a um homem: Bobby Liebling, o vocalista e líder da banda, cuja voz é inconfundível e sua dedicação à música é inabalável. Tanto que, mesmo após ter sofrido um AVC em 2011, ele se recuperou e voltou a gravar. Agora, mais a Sacramento do primeiro álbum em 2015, o Pentagram retorna à Europa, onde ainda é muito prestigiado, para dar seus últimos shows antes de entrar no estúdio para lançar seu décimo álbum. Agora, com mais de meio século de experiência em seu currículo, Bobby e os novos Lightning Rod e Brian Ashby estão prontos para dar mais de si em qualidade. Para saber mais do próprio Bobby, com exclusividade, conversamos sobre esta nova fase, envolvimento e de reflexões sobre a sonoridade da vida.

Cidade natal antigo reconhecido por seu mercado interno, se utilizava para, não destruídos pela vida. Tão Obsessed. Conhecemos e mantemos nosso ... quarenta anos e ainda ... Acha que é a ... tocar respeito a por trabalhar?

Bobby Liebling: Acho que é ... que ... que ... ainda ... Tem ... que ... Tudo ... Eu ... Tudo ... Tudo ... Tudo

Bobby: Talvez, uma coisa bem rock, bem estilo aproveitador mesmo.

Vocês ainda se arrependem de ter "plagiado" a letra?, naquele momento?

Bobby: Não tinha, não, quando eu fiz a letra. Eu e Mustaine. Era uma situação diferente, de qualquer maneira, não sabia que nada de bom teria saído dela. Tínhamos perseguido e cavado, de um modo Deus e que doença, demorado, sofrido, mesmo mesmo, mesmo grandes alegrias.

Vocês demoraram muito mesmo em "promover a reconciliação", mas, por alguma razão, nunca conseguiram um encontro (mesmo que apenas um)

Bobby: Acho que não. Estamos, alguns anos, não sei, mas, de qualquer maneira, não tem quase nada de bom nessa história. Acho que a performance sofreu muito, muito, muito,

Eternal Idols

Por Andrew Carlos Hernandez

A primeira edição do Rock in Rio que acaba de completar quarenta anos, demonstrou não ser muito bom para quem gostaria de ouvir pop rock. Vários marcos brasileiros e artistas que acabaram consolidando sucesso como Ozzy Osbourne, Iron Maiden, AC/DC, Whitesnake e muitos outros. E nesse último chamou a atenção um guitarrista loiro, de cabelos ornamentados e longa parcimônia de cores e a guitarra na mão. O nome dele era John Sykes.

John Jaques Sykes nasceu em Bradford, Inglaterra (EN-G) em julho de 1964. Durante uma infância, passou pelo período em Rússia (EUR), já que seu pai e seu tio compraram uma fábrica na parada. Ainda criança, retornou à Inglaterra, onde ele aprendeu a tocar guitarra e bateria, chegando a ser membro da banda de rock mirim Blue Mountain. Lá chegando, tornou-se uma das raras guitarrista efeitos que de tanto usá-los, chegou a acabamento.

Em seguida, tocou em para Blackmore's Rainbow, a trocar. Logo foi convidado a integrar o Thunderlight, com quem gravou a Faixa (EN-G) Rio Angel, quarta parte da coletânea de WHO BOOK Nine Electric Mistress (1981). Em seguida, passou a integrar o Tygers of Pan Tang, gravando os álbuns Spellbound e Crazy Nights, sucesso lançado em 1981. Logo, porém, essa permanência não durou muito e a consequência foi a saída de Kerrie. Descontentes também com os outros integrantes e a decisão de que a banda não havia correspondido com dedicação para atingir o sucesso que ele desejava, Sykes, com que saiu da banda.

Após algumas aventuras, Sykes conheceu Phil Lynott, do Thin Lizzy. Os dois se conheceram em um jogo, Pinder Street Lizzy (1982), e em seguida o guitarrista foi convidado a se juntar a banda, com quem gravou Thunder and Lightning (1983) e o que viria LIFE (1983), registro de sua turnê de divulgação do disco e que teria Sykes Era, a voz de despedida da banda.

Logo em seguida, Sykes é convidado para integrar ao Whitesnake, com quem gravou Slide It In (1984) e Whitesnake (1987). Sykes revolveu a orientação musical da banda, fazendo com que os discos fossem grande sucesso comercial. Porém, nem de seus sucessos, David Coverdale despediu toda a banda durante a gravação do último deles com Sykes: o baixista Neil Murray e o baterista Aynsley Dunbar). Desconsolado diante que com essa Sykes Russian - pouco conhecido e último chegou ao segundo posto da Billboard e mesmo nome do seu álbum de disco.

A atitude do novíssimo gerou uma antipatia quanto entre os fãs. Em setembro de 2002 a cantora Rock Candy e guitarrista chegou a coadjuvar quarto ao estúdio "projeto para longa musica de Eagles. Editou no seu centro e deu no JH". Quando Coverdale quase quase colocou a banda por ordem da gravadora, Sykes disse que ele era "um inventor de sorvete" e disse ainda nunca tocou demonstrando quando o vocalista garantiu que toda noite gera duas partes da guitarra. "Quando eu o conheci, ele tocou, nada pagar nada a guitarra", disparou. E foi dentro quanto à possibilidade de trabalho mais justo e surpreendente. "Eu não quero seguir Solal, como ele de sorte."

Na sequência, sumindo bastante o mundo, lançou o Blue Murder, com quem gravou Blue Murder, em 1989 (com Tony Dimitriadis no baixo e Carmine Appice na bateria) e Nothing but Trouble, em 1993 (com Marco Mendoza no baixo e Tommy Aldridge na bateria). Sykes atribui o fim do Blue Murder à sua dissolução do segundo disco. A gravadora Geffen, era a sucessora do Whitesnake e não creditou com a saída Michelone do seu disco mais o Coverdale "Sugar or Friday" ainda mais muito cremento.

A partir da saída, John Sykes seguiu na carreira solo lançando cinco álbuns. Em 2012, chegou a anunciar que estaria montando uma nova banda chamada Red Apple com Billy Sheehan (baixo) e Mike Portnoy (bateria), mas isso não aconteceu quando motivos em seu lugar. Em Bottom Entertainment e o grupo cantando a Whitney Dogg. Seu último álbum, Sacrifice, saiu em dois singles em 2012, mas primeiro foi lançamento em mais anos. Ainda que no último disco (2018) ainda mais melhor mostrou amadurecimento que John Sykes buscava ao longo dos demandos do seu passado (uma gravação a faixa), apto uma "brilhantismo alto coisa a um disco." Em todos os anos

JOHN SYKES

24/07/1964 — 19/12/2024

Tygers Of Pan Tang
Spellbound (1981)

Thin Lizzy
Thunder And Lightning (1983)

Whitesnake
Whitesnake (1987)

Blue Murder
Blue Murder (1989)

John Sykes
Nuclear Cowboy (2018)

70000 TONS OF METAL

The World's Biggest Heavy Metal Cruise

January 29 - February 2, 2026
Miami, Florida - Labadee, Haiti

GET READY FOR 2026

THE WORLD'S BIGGEST
THE ORIGINAL
HEAVY METAL CRUISE

4 Days
60 Bands
1 Cruise Ship
Only 3000 Tickets

70000TONS.com
Tel.: +1 305 777 4878

Killswitch Engage

Olhos no futuro, com um pé no passado

Quinteto de Massachusetts não abranda o tom e mantém intacta a mistura de ferocidade e melodia do seu metalcore

Por Valmir Antão

Para aqueles que ainda acompanham o Coup Bullet e afins, a revista dos anos 90 para os jovens não foi muito atraente e era muito conservadora. Embora tenha nascido institucionalmente, amadurecido no underground, a concepção que o mainstream tinha do que era metal estava absolutamente comprometida. Porém, aqueles dias também marcaram o começo de uma mudança, com toda uma nova geração de bandas que buscava na energia do hardcore uma nova maneira de renegrear o metal, de trazê-lo novamente aos holofotes. Para muitos, o melhor e mais representativo daquela geração é o Killswitch Engage. Depois de conquistar o mundo com *Alive or Just Breathing* (2002), a banda parece por enfrentar na formação, mas voltou à sua melhor forma em *Disguise the Descent* (2003), álbum que marca a estreia de Jesse Leach aos vocais. Hoje, com o line-up há anos estabilizado com os guitarristas Adam Dutkiewicz e José Stoetzel, o baixista Mike Dibiase e o baterista Justin Foley, a banda de Massachusetts ainda mais fortalecida ao longo do tempo, e não é ousadia dizer que o sucessor *This Consequence* seja um dos melhores álbuns de toda a sua carreira. Afinal, tudo o que os fãs sempre esteve ali: as guitarras geladas por riffs cortantes e bem-sucedidos, as melodias calorosas, as levadas bombásticas e aquelas letras que emocionam os mais variados sentimentos. Então, prepare-se para uma jornada única, mas aproveite os sacrifícios do seu valioso problema alternativo.

Atualmente, Killswitch vem sendo, na cena, o que de melhor pode ser organizado no gênero como *This Consequence*. Está em tempo longo, mas não tendo a que o Killswitch Engage se mantém em nível.

Mike Dibiase: Sim, sabe que nunca atingiu o que o não desejar tempo para aprender com material. Acho que nunca tenha e algo em volta de um álbum e não tão atual, mas não tão bastante planejado deixar o tempo correr, o que acabou acontecendo por conta das prioridades daqueles dias e período. O EP e o ao vivo foram uma boa maneira de manter os fãs entretidos enquanto trabalhamos no álbum e nos mantendo ativos. Lançado em 2004, o EP *Alternative 12 Killers for Charity* acaba um álbum ao vivo *Live at the Palladium* (2005). Então, apesar de parecer um longo tempo, vocês se mantiveram ativos.

Mike Dibiase: Sim, sabe que nunca atingiu o que o não desejar tempo para aprender com material. Acho que nunca tenha e algo em volta de um álbum e não tão atual, mas não tão bastante planejado deixar o tempo correr, o que acabou acontecendo por conta das prioridades daqueles dias e período. O EP e o ao vivo foram uma boa maneira de manter os fãs entretidos enquanto trabalhamos no álbum e nos mantendo ativos. Lançado em 2004, o EP *Alternative 12 Killers for Charity* acaba um álbum ao vivo *Live at the Palladium* (2005). Então, apesar de parecer um longo tempo, vocês se mantiveram ativos.

É compromissível. Acho que nenhuma banda gosta de lançar um álbum e não ter o pensamento em fazer um planejado.

Justin: Com certeza. Não há muito tempo, ou simplesmente, não é o que está por vir. Então, quando as Grammys acabaram, tratamos de sair e dar a divulgação e não demorou apropriado, tomando o que todos os lugares.

Mike: A verdade é que não suporta o quarto ano. Acho é bom ou fica ruim na própria banda, dentro parte, mas não muito para outros trabalhos, precisando em sumar coisas ao ponto de promover o que acabou de lançar, só acaba interessado pelas outras coisas, então, respondo. Não trabalhamos em um álbum só para respondê-lo em seguida.

Acho que, em dias de hoje, vocês podem se tornar ainda mais importantes no papel de mostrar um álbum ao mundo da dos CDs.

Mike: Definitivamente. Todos vamos suportar a melhores de nossa mídia, todos os dias, em vídeo quase, pode parar o resto da vida. É movendo mídias que nunca existiu antes, não só para escutar bandas mainstream, e bom bandas, gente que realmente acaba em atenção. Então, é muito fácil acontecer algo em seguida não foi de melhor que gravado na mídia. Por isso, acreditamos em comprar o álbum completo da banda, e compramos apoiar as apresentações. Quando for a sua show, vai lembrar do que vou e não esqueça da nossa música. Isso é o que lutamos para ganhar.

> Quem for a um show nosso, vai lembrar do que vou e não esqueça da nossa música. Isso é o que lutamos para ganhar
>
> Mike Dibiase

Você sabe a precisar quanto tempo trabalharam nesse novo álbum?

Justin: Para o novo álbum acho o tempo acabou ultrapassando uma coisa estranha de julgar. Tudo foi muito mais trabalho e confiam... (risos) Mas acho que começamos a criar algo com tal álbum em meados por volta dessa de 2003.

Então, fomos usando o tempo de forma tradicional, primeiro gastando algumas horas, depois tirando horas pela metade e finalmente nos reunindo para tocar todos juntos aquilo que estava rodando em nossas cabeças.

Mike: É engraçado quando você consegue fazer um disco, pois está tentando fazer o máximo possível com aquela música de horas que tem à mão, você sabe, tentando entrar no clima certo para regrar alguma coisa. Então, no começo a coisa é meio lenta e trabalha, e como você a mantém sob pressão pela novidade, leva um tempo até finalmente entrar no ritmo ideal. Acho que foi isso que aconteceu, entendeu? Você tem

que manter em The Conjuration, acho que é um álbum muito forte, e estou realmente curioso para saber o que as pessoas acham dele. Tem algumas coisas aqui que realmente vamos tocar ao vivo, mas não tem como ao mesmo tempo de agora em diante.

Você sente alguma diferença no ritmo ou na bagagem, uma vez que esse foi o primeiro álbum composto após a banda ter tido que parar por conta da pandemia?

Justin: Algumas coisas mudaram, mas não, não sinto alguma diferença. Em primeiro lugar, acho que justamente por conta de termos tido um longo tempo sem poder tocar juntos, também

vamos ouvir. Mas não é algo que precisamos de um tempo para entrar na novidade ideal e tocar realmente no que estamos fazendo. Mas, uma vez que encontramos um ponto, as coisas fluem muito mais rapidamente e de forma muito concentrada, o que foi muito divertido.

Justin: Junte ao fato de que todos nós temos um certo nível de profissionalismo como banda, estamos trabalhando em um grupo cheio de perfeccionistas. Ninguém aceita algo de qualquer jeito, todos queremos sempre dar o seu melhor, e você acaba levando um tempo para fazer o seu trabalho quando retorna ao mesmo descompasso. Mas no fim das contas, tudo corre bem e pronto. É um ótimo significado do

que estamos em um estúdio novamente e tentando se reconhecer em um jeito de verdade, todos tocando juntos, mas tudo a vibração do momento. Isso foi algo que não fomos muito no último disco ou no seu álbum, que foram basicamente colocados enquanto montávamos demos uns para os outros.

Imagino que, mesmo havendo pouca diferença entre os álbuns, a maneira em que foi feito, ou porque foi feito em um hiato, acho que existe uma diferença já que vocês puderam tocar juntos com a banda na mesma sala de novo?

Justin: Ah, sim, absolutamente! O sentimento é completamente diferente, você consegue acompanhar a vibração do momento, consegue ver a reação ao que acabou de fazer no rosto das pessoas, muito um sentimento de empolgação completamente diferente do que se estar no seu estúdio e montar uma gravação para depois acompanhar o que está rodando. É realmente como a noite e o dia. Não vou por que nos não vamos [illegible] álbuns mas é definitivamente uma coisa que devemos promover daqui em diante.

Bem, o resultado foi excelente. Para começar, me agrada muito o fato de que este é o seu álbum mais hardcore até o momento. A acidez está ali. Não

sua acústica, muito provavelmente de um tempo para entrar na novidade ideal e tocar realmente no que estamos fazendo. Mas, uma vez que encontramos um ponto, as coisas fluem muito mais rapidamente e de forma muito concentrada, o que foi muito divertido.

Justin: Junte ao fato de que todos nós temos um certo nível de profissionalismo como banda, estamos trabalhando em um grupo cheio de perfeccionistas. Ninguém aceita algo de qualquer jeito, todos queremos sempre dar o seu melhor, e você acaba levando um tempo para fazer o seu trabalho quando retorna ao mesmo descompasso. Mas no fim das contas, tudo corre bem e pronto. É um ótimo significado do que estamos em um estúdio novamente e tentando se reconhecer em um jeito de verdade, todos tocando juntos, mas tudo a vibração do momento. Isso foi algo que não fomos muito no último disco ou no seu álbum, que foram basicamente colocados enquanto montávamos demos uns para os outros.

Imagino que, mesmo havendo pouca diferença entre os álbuns, a maneira em que foi feito, ou porque foi feito em um hiato, acho que existe uma diferença já que vocês puderam tocar juntos com a banda na mesma sala de novo. Certo?

Justin: Ah, sim, absolutamente! O sentimento é completamente diferente, você consegue acompanhar a vibração do momento, consegue ver a reação ao que acabou de fazer no rosto das pessoas, muito um sentimento de empolgação completamente diferente do que se estar no seu estúdio e montar uma gravação para depois acompanhar o que está rodando. É realmente como a noite e o dia. Não vou por que nos não vamos [illegible] álbuns mas é definitivamente uma coisa que devemos promover daqui em diante.

Bem, o resultado foi excelente. Para começar, me agrada muito o fato de que este é o seu álbum mais hardcore até o momento. A acidez está ali. Não há energia incrível aqui, e [illegible] que vão conseguir [illegible] ao vivo. É tudo muito [illegible] canções curtas e agressivas.

Justin: Bem, você deveria agradecer ao Mike D por isso. Definitivamente as músicas curtas são influência dele. Ele sabe como a política da duração das músicas nos álbuns. Quando uma música atinge quatro minutos, ela já começou. "Qual é, meus quatro minutos?" Vamos dar um jeito nisso! (Risos gerais)

Nunca que obrigado Mike.

Mike: Ah, o prazer foi todo meu.

(risos). Sabe, foi divertido trabalhar nesse álbum. Quando você está tocando e compondo junto com seus amigos, é normal que motivemos que se perca a empolgação quando as coisas começam a dar certo, quando as coisas começam a melhorar. Você sabe, se demorou bem, começa a querer mexer mais nisso, mais partes e, quando vê, está com uma música de quarenta minutos nas mãos (risos). Então, quando algo se aproximava dos quatro minutos, eu já olhava para eles e dizia: "Tá aí, nunca quero ouvir pelo resto que não o Dream Theater!" (risos gerais). Eles são Nirvana demais, definitivamente não é a nossa coisa, sabe que nosso público não toleraria (risos gerais).

Justin: Eu acho como músicas longas, apesar de quarenta minutos construídos a partir de uma atmosfera que vai progredindo ao longo do tempo, é uma coisa rítmica quase, se alguém conseguisse transformar as instrumentais, mas com vocalistas não é disso que entra o Killswitch Engage. Demorou um pouco para quem realmente sabe tocá-lo, e nós conseguimos dentro do ponto.

Mike: Adoro quando a vê com a própria vulnerabilidade na hora da criação. Quando uma coisa não está funcionando, sabe a concentração completamente e acrescenta a parte que não funciona ao centro de composição toda, uma coisa, seção e coisa para resolver o problema. Trabalhando de uma maneira, você naturalmente acaba com canções mais curtas e diretas no álbum.

O fato é que em energia quando veja um álbum de uma força de duração, ao lado de uma força e meta...

Mike: Eu entendo você (risos). Quero convidar álbuns curtos, quando a coisa passava de quarenta minutos eu já ficava desconfiado (risos). Adoro que isso fosse grande na minha cabeça, então comecei a realmente quando eu cheguei começando a querer ultrapassar a marca dos quarenta minutos (risos).

Por cerca disso, imagino que não deve ser fácil pegar uma ideia em que você trabalhou durante jogar na lata de lixo, mesmo quando a melhor ao perceber cada ideia.

Justin: Sim, mas a verdade é que já estamos bastante acostumados a isso ao longo do processo. Quer dizer, aparte do dia a dia da composição, algumas coisas não vão que fazer para trás, mesmo que pareça bom, com certeza você vai acabar com um disco longo em mãos. Então é o nosso álbum e, em retrospectiva, adoro que pudéssemos ter outros sete apenas com as coisas que decantamos e acreditamos que realmente boas.

Mike: Você acaba tendo que pensar muito bem quando está colocando no lugar as peças de um álbum. Tipo "uma coisa é boa, mas não é o suficiente boa o suficiente para permanecer enquanto aquela outra coisa por trás?" Então, não tem que ser bom, você acaba tendo que ajustar algumas coisas. O fato é que, se você que tentou ir com um disco bom, em vários, a verdade é que, que contada do processo. Ou você tem um disco bom para os ouvintes ou um disco bom para o mundo. Nunca se deve misturar. Existem tomadas de qual devemos escolher.

Forever Aligned é uma canção rápida e pesada com bastante de bateria e a duração ao "breakdown" que ele ilustra a segunda parte dela. A banda deve a ver com que escolha dela como primeiro single do Dirt Can sequence?

"NO CONSEQUENCE"
MOLÉ Studio - Italy.

Justin: Sim, foi decisão minha. Quando estamos com algumas músicas prontas, a gravadora nos pergunta sobre algumas opções para um primeiro single, e ela que Forever Aligned foi rapidamente escolhida. Queríamos que a primeira música deste novo álbum fosse realmente bombástica, uma das músicas por cada do novo álbum, algo que carrega um estandarte logo de cara. Além disso, é uma das músicas favoritas do novo álbum, é bem energética e tem, sabem, a força crua e a beleza crua toda. Não vejo a hora de ouvir as pessoas em regular, sabe que vera um momento de grande energia e divertido.

Você falou em canções pesadas e queremos saber: The Bell of Ur... ao escutá-la fomos um álbum de duas metade ao meio e de repente alguma coisa grande acontecia.

Justin: Ah, obrigado! Essa música partiu de algumas ideias que Adam (Du Homme) tocou, e decidimos estar certo de utilizar guitar, justamente por coisas tão pesadas. Então, ele estava em um dilema, se deveria colocar a música para ele ou guardar para seu outro projeto, o Serpentine Dreams, que é justamente uma banda de death metal que ele tem com o George Corpagnardet do Cannibal Corpse. Ele foi das cordas, ele decidiu que colocá-la, e automaticamente todos queremos trabalhar nela. Existem tipo "Qual é cara, essa música é perfeita para ele, sabe o que consegue fazer com?" (risos gerais). A bateria é realmente pesada, tem um monte de blast beats. Então, foi ótimo ver o cara mais sendo consegue fazer o que realmente, qual é? (risos gerais). É uma boa música, muito pesada. É só uma boa música falar sobre death metal, pois foi maravilhoso como death metal que ela carrega, apenas [illegible] adaptando para algo que consegue colocar (risos).

E Dark Days.

Justin: Sim, e ela também teve a sua legal, com o clipe para um single mais sólido. Foi um pouco difícil para uma primeira escolha, mas realmente consegue capturar um pouco disso. Pessoalmente, sabem, quando alguém pergunta uma música e não, por ela mais que fazer um pouco [illegible] Então, sim, tem um pouco de tudo. Adoro que ela carrega dizer que é a música mais pesada que fizemos até hoje, e com a empolgação especialmente quando Fabian é lançado nosso álbum! Como tem um pouco mais o nível de entretenimento musical, mesmo não o que ainda poderá vir adiante.

Existem de duas pedradas, uma [illegible] e outra super leve e doce. Mas o álbum também traz uma canção como Where It Dies que é muito duque um tiro grande. Não é para mim [illegible] Fabian e [illegible] Kurt e [illegible] infantes metálica.

Justin: Cara, obrigado. Acho dizer que adoro uma descrição! Você sabe, sai bom pensar, certeiro com ideias diferentes, mas também, ele não é mentira. Não queríamos que um acontecesse, então fizemos ainda o que que uma diferente que aparecesse, como você disse. Where It Dies tem um groove legal, que realmente agora me e fica grudado na minha cabeça. É o tipo de canção que pode carregar as baterias das pessoas, dar energia a elas. Estou curioso para saber como ela vai funcionar ao vivo.

Como descaga Nerve é a faixa que abre o álbum. A música tem Ah. Ao longo [illegible] guitarras, os vocais limpos, a

Dados de bateria que acompanha o VIP ao lado da mesa, sabe aquilo tipo 'Kilometric Luggage', acho que é uma frase que exemplifica a carga de menos. Em da banda.

Justin: Cara, muito obrigado por isso, de verdade! Sabe, não nasceu, não foi uma espécie de grande decisão para o álbum, quer dizer, nunca comprometemos uma música especificamente para ser a faixa de abertura ou encerramento, mas a verdade é que sinto que trabalhamos em Alvarado (3), parecem dois para não ter que aquela linha que ser a música que abriria o disco. Eu mantivemos a parte de bateria (ou a que você mencionou) e aquela mais o groove marcado que acompanha o cliff pulsante até muito mais longado quando muito é definitivamente uma coisa para o nosso fã. Tenho que me preparar para tocar essa música ao vivo, não é tranquilo fácil.

Falando nisso, Discordant. Você tem parece que vai descendar algo de você também.

Justin: Ah, cara, nem me fala. Acho que eu consigo tocar algumas coisas bem rapidas no começo do show e definitivamente posso tocar bastante rapido por alguns segundos, mas depois disso, nem a problema (risos). Felizmente, Dimmidrogo Morrow tem justamente a quantidade necessária de partes velozes, não tão mais que isso, não. Não ela vai variando e vou dando tempo para respirar (risos).

> Todos temos um certo nível de profissionalismo nesse banda, estamos trabalhando em um grupo cheio de perfeccionistas
>
> Justin Foley

Pista Obsidian, gostaria de dizer que adorei a arte da capa desse novo álbum, mas também o logo. É a coisa aquele visual que remete ao velho hardcore. Isso é algo que sempre me agrada.

Mike: Cara, que legal você ter comentado isso, pois foi realmente nova a intenção, era isso que queria evocar! A verdade é que esse logo é a mistura dos nomes dos logos favoritos de todos os tempos: do Zeus, uma antiga banda de hardcore de Washington, D.C., ao logo mais que o Lamway de New York, que era, era, era, segundo álbum (N.R. Desperate Measures, 1991). Essa é a razão de ser do nosso novo logo!

Muito obrigado pela entrevista! Mike: Eu que agradeço, foi um prazer! Eu adoro ver vocês no Brasil, só que gostaria poder visitar lugares bacanas da nossa casa e ver o quanto as pessoas se comportam com a nossa música. É uma experiência enriquecedora. Espero que possamos voltar em breve, então vocês vão ouvir mais por aí!

HANNO (HANTAR)

Pro Gamer: Hanno Sanjaya – Photo: Sanjaya Sutandiraja

Pilihan Anda yang pertama
"Ini sangat, sangat sulit. Mungkin The Witcher 3 atau Dark Souls. Saya bisa bermain selama jam-jam, di PC/XX. Cuma [illegible]"

Game favorit Anda saat ini
"Cyberpunk – Classic 4.0"

Game yang Anda mainkan
"Counter-Strike: Global Offensive"

Game yang Anda cadangkan
"Counter-Strike: Global Offensive, Mobile Legends, Dota 2, Age of Empires, dll. [illegible]"

Game favorit Anda
"Game-game [illegible] PC/XX, [illegible]"

Game yang pernah Anda mainkan
"PC/XX – A Plague Tale: Innocence"

Game yang Anda mainkan
"Saat ini, [illegible] PC/XX – A Plague Tale: Innocence"

Game favorit Anda
"[illegible] – Mission Impossible"

Game yang Anda ulang dari awal
"Cuma [illegible], dll. [illegible]"

Game yang ingin Anda dimainkan
"[illegible] Anda [illegible], dll. [illegible]"

Game yang ingin Anda mainkan
"Cyberpunk [illegible] 2.0.0. [illegible]"

Game yang Anda [illegible]
"Cyberpunk [illegible] dll. [illegible]"

Game yang Anda [illegible]
"PC/XX – [illegible] Star Citizen"

Game yang Anda [illegible]
"Cyberpunk [illegible] Light. [illegible] dll. [illegible]"

Game yang Anda [illegible]
"Fighting – [illegible]"

Game yang Anda [illegible]
"[illegible], Age of Empires, dll. [illegible]"

Game yang Anda [illegible]
"PC/XX, [illegible], [illegible] [illegible]"

Game yang Anda [illegible]
"[illegible] – [illegible] Cyberpunk, [illegible] [illegible], dll. [illegible]"

Game yang Anda [illegible], [illegible], [illegible]
"Cyberpunk [illegible] – [illegible]"

Game yang Anda [illegible] [illegible] [illegible]
"[illegible] PC/XX, [illegible] [illegible]"

Pertanyaan [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
"[illegible] Dark Souls, [illegible]"

Game [illegible] [illegible]
"[illegible]"

Tanpa [illegible] [illegible], [illegible] [illegible]
"[illegible] dll. [illegible]"

Game [illegible] [illegible] [illegible]
"[illegible] PC/XX, [illegible] dll. [illegible]"

Ikuti Kami di sosmed:
@hardfactnid
hardfact.com

O LEGADO DO ROCK

LINHA ORIGINAL

DO NOSSO JEITO!

@CONSULADODOROCK

CONSULADO
DO ROCK

WWW.CONSULADODOROCK.COM.BR

ACESSE
NOSSO SITE:

BANGERS

OPEN AIR

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
SÃO PAULO 2025
[illegible]

SÁBADO, 3 DE MAIO DE 2025

Sabaton · POWERWOLF · SAXON · KANSELOC

LACRIMOSA · SONATA ARCTICA · MUNICIPAL WASTE · DARK ANGEL
ENSIFERUM · H.E.A.T. · BURNING WITCHES · DYNAZTY
VIPER · MATANZA RITUAL · DREAM SPIRIT · CARRO BOMBA · PRESSIVE
MALEFACTOR · GLORIA PERPETUA · VÁLVERA · SCHOOL OF ROCK · NEW BLOOD

DOMINGO, 4 DE MAIO DE 2025

TOBIAS SAMMET'S AVANTASIA · W.A.S.P. · Blind Guardian · KREEPYKING

I PREVAIL · DESTRUCTION · PARADISE LOST · NILE
HAKEN · VADER · LORD OF THE LOST · BEYOND THE BLACK
DORSAL ATLÂNTICA · BLACK PANTERA · HIBRIA · MAESTRICK
HATEFULMURDER · WARSHIPPER · THE HEATHEN SCYTHE · READY TO BE HATED
RONNIE JAMES DIO TRIBUTE

WARM UP - SEXTA, 2 DE MAIO DE 2025

Glenn Hughes · DORO · PRETTY MAIDS

ARMORED SAINT · DOGMA · KISSIN' DYNAMITE

[illegible]

Realização: · Campanha Oficial: · Apoio: · Media Partner:

Blind G
ROADI

uardian
E CREW

H.E.A.T
ROADIE CREW